



GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO, GOVERNANÇA E GESTÃO
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA

BOLETIM  **de**
CONJUNTURA 
DO RIO GRANDE DO SUL
V. 2 N. 2



GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Governador: Eduardo Leite

Vice-Governador: Ranolfo Vieira Júnior

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO, GOVERNANÇA E GESTÃO

Secretário: Claudio Gastal

Secretária Adjunta: Izabel Matte

Subsecretário de Planejamento: Antonio Paulo Cargnin

DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA

Diretor: Pedro Tonon Zuanazzi

Divisão de Análise Econômica: Vanessa Neumann Sulzbach

BOLETIM DE CONJUNTURA DO RIO GRANDE DO SUL

V. 2 N. 2, dezembro de 2020

Porto Alegre, RS

Bol. Conj. RS	Porto Alegre	v. 2	n. 2	p. 1-27	dez. 2020
---------------	--------------	------	------	---------	-----------

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

<https://dee.rs.gov.br/boletim-conjuntura>

Departamento de Economia e Estatística (DEE-SPGG)
R. Duque de Caxias, 1691
Porto Alegre - RS - 90010-281
Fone: (51) 3216-9000
E-mail: dee@planejamento.rs.gov.br
Homepage: <https://dee.rs.gov.br/inicial>

Diretor: Pedro Tonon Zuanazzi
Chefe da Divisão de Análise Econômica: Vanessa Neumann Sulzbach
Equipe Técnica: Fernando Ioannides Lopes da Cruz, Martinho Roberto Lazzari e Tomás Amaral Torezani
Revisão Técnica: César Stallbaum Conceição e Vinícius Dias Fantinel
Revisão de Língua Portuguesa: Susana Kerschner
Normalização bibliográfica: João Vítor Ditter Wallauer
Projeto Gráfico: Vinícius Ximendes Lopes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Boletim de conjuntura do Rio Grande do Sul / Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão, Departamento de Economia e Estatística – V. 1, n. 1, (2019)- . – Porto Alegre: Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão, 2019- .
v. : il.

Trimestral.

1. Condições econômicas. 2. Economia Internacional. 3. Economia – Brasil. 4. Economia – Rio Grande do Sul. I. Rio Grande do Sul. Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão. Departamento de Economia e Estatística.

CDU 338.1

Bibliotecário responsável: João Vítor Ditter Wallauer – CRB 10/2016

Publicação periódica trimestral que apresenta uma análise detalhada do desempenho da economia gaúcha no contexto dos mercados nacional e internacional.

SUMÁRIO

SUMÁRIO EXECUTIVO	4
1 ECONOMIA INTERNACIONAL	6
2 CENÁRIO INTERNO — BRASIL	9
2.1 ATIVIDADE ECONÔMICA	9
2.2 SETOR EXTERNO	11
2.3 INFLAÇÃO, CRÉDITO E JUROS	12
2.4 FINANÇAS PÚBLICAS	14
3 CENÁRIO INTERNO — RS	15
3.1 ATIVIDADE ECONÔMICA	15
3.2 SETOR EXTERNO	19
3.3 MERCADO DE TRABALHO	20
3.4 ARRECADAÇÃO DE ICMS	22
3.5 PERSPECTIVAS	23
PRINCIPAIS INDICADORES MENSAIS	25
REFERÊNCIAS	26

SUMÁRIO EXECUTIVO

Embora ainda distantes da recuperação dos níveis de produto pré-pandemia, os desempenhos das economias mundiais no terceiro trimestre de 2020 apontam uma retomada forte, quando comparados com os resultados bastante ruins observados no segundo trimestre. Com exceção da China — que, pelo segundo trimestre consecutivo, alcançou taxas positivas de crescimento na comparação interanual e já apresenta taxa positiva no acumulado do ano —, as principais economias registraram taxas muito melhores do que as verificadas no segundo trimestre, embora continuem a sofrer as consequências da pandemia de Covid-19.

A lenta retomada da atividade econômica ao redor do mundo vem sendo bastante desigual em termos setoriais, com a indústria mostrando melhor desempenho do que os serviços. Ao mesmo tempo, o fluxo de comércio de bens vem apresentando resultados favoráveis com uma rápida recuperação, embora também com ritmos diferentes entre os países e as regiões. Em linha com a reação da economia mundial, está ocorrendo um aumento dos preços das *commodities* nos últimos meses, com altas acentuadas dos preços da soja e do minério de ferro.

A recuperação da economia mundial está condicionada aos desenvolvimentos e desdobramentos da pandemia. O agravamento da pandemia em alguns países já vem afetando os indicadores econômicos de alta frequência de diversas economias, embora de forma desigual. Por outro lado, campanhas de vacinação já se iniciaram em vários países, o que pode possibilitar uma retomada mais rápida da atividade econômica. Ademais, a recuperação também depende das ações de apoio adotadas pelos governos nacionais para sustentar a atividade econômica, a demanda e a renda de famílias e empresas, sendo os exemplos mais notáveis os pacotes da União Europeia e dos Estados Unidos.

Para o ano, o Fundo Monetário Internacional (FMI) estima uma queda de 4,4% para a economia mundial. Regionalmente, apenas a China apresentará crescimento em 2020, enquanto os países emergentes, exclusive a China, deverão passar pela maior queda, de 5,7%.

Em relação à economia brasileira, os dados do terceiro trimestre de 2020 apontam a continuidade do processo de recuperação, iniciado ainda no trimestre

anterior. O Produto Interno Bruto (PIB) cresceu 7,7% em relação ao segundo trimestre do ano, na série com ajuste sazonal. Contudo, esse alto crescimento deu-se sobre uma base baixa e foi ainda insuficiente para recuperar o nível de produção anterior ao início da crise. Em relação ao mesmo trimestre do ano anterior, houve queda de 3,9%. Apesar da retomada, o nível de produção ainda se encontra 4,1% abaixo do observado no último trimestre de 2019.

Entre os três grandes setores, na comparação com o trimestre imediatamente anterior, houve crescimento expressivo na indústria (14,8%) e nos serviços (6,3%), enquanto a agropecuária (-0,5%) apresentou leve recuo. Já em relação ao mesmo trimestre do ano anterior, a situação inverteu-se: apenas a agropecuária apresentou crescimento, de 0,4%, enquanto indústria (-0,9%) e serviços (-4,8%) tiveram queda.

Pela ótica da despesa, os dados do PIB indicam reação dos componentes de demanda interna — consumo das famílias, consumo do Governo e Formação Bruta de Capital Fixo. Para tanto, foram importantes o Auxílio Emergencial, que permitiu repor parte das perdas de renda dos trabalhadores, e o arrefecimento do distanciamento social, contribuindo com a retomada, principalmente, do comércio e dos serviços.

Em novembro, o saldo acumulado em 12 meses do comércio exterior brasileiro foi de US\$ 56,9 bilhões, 17,0% acima do observado no mesmo período de 2019. O crescimento do saldo foi resultado da menor redução das exportações (-7,0%) em relação à das importações (-14,0%).

De maneira geral, a política monetária implementada pelo Banco Central do Brasil foi estimulativa ao longo de 2020, com a taxa Selic atingindo seu menor patamar (2,0% a.a.). Em relação ao crédito, houve elevação considerável do saldo entre janeiro e novembro, com crescimento dos créditos livre e direcionado, tanto para pessoa física quanto para pessoa jurídica.

Na área fiscal, o ano de 2020 está sendo marcado pelo forte descompasso entre despesas e receitas, na esteira da recessão e das medidas necessárias para combater as crises econômica e sanitária. Como resultado, o déficit primário foi recorde, elevando a dívida pública.

Depois de uma queda recorde no segundo trimestre de 2020, o PIB do Rio Grande do Sul retomou o crescimento na passagem do segundo para o terceiro trimestre do ano na série com ajuste sazonal. A taxa de crescimento nessa base de comparação foi de

12,9%, recorde positivo na série histórica com início em 2012 e superior à observada no Brasil no mesmo período (7,7%). A retomada esteve associada, fundamentalmente, a três fatores: a passagem do maior efeito da estiagem sobre a agropecuária, o impacto positivo da redução do distanciamento social sobre a economia e o suporte financeiro a desempregados informais através do Auxílio Emergencial.

A análise da evolução do PIB do Rio Grande do Sul na série com ajuste sazonal mostra que o índice de volume do terceiro trimestre de 2020, apesar da forte retomada, ainda está distante de recuperar os valores dos trimestres anteriores à pandemia. Em relação ao quarto trimestre de 2019, último período livre dos efeitos da pandemia, o nível atual ainda se encontra 4,7% abaixo.

Setorialmente, a agropecuária foi a atividade que apresentou o maior crescimento (39,8%), após a passagem do período de maiores perdas em função da estiagem. A indústria cresceu 19,7%, impulsionada pela atividade de eletricidade e gás, água, esgoto e limpeza urbana (44,1%) e pela indústria de transformação, que apresentou expansão de 20,0%, sempre na comparação com o trimestre imediatamente anterior, na série com ajuste sazonal. Os serviços também cresceram (4,2%). Os principais destaques ficaram por conta do comércio (6,9%) e de outros serviços (6,4%), exatamente as atividades mais impactadas pela pandemia durante o segundo trimestre do ano.

Dados com periodicidade mensal mostram que, após as fortes quedas da produção industrial e das vendas do comércio varejista ampliado registradas em março e abril, as duas atividades apresentaram, durante os meses seguintes, uma forte recuperação. Em outubro, os níveis de produção da indústria de transformação e das vendas do comércio já superavam em 0,3% os registrados em fevereiro, indicando uma recuperação completa das duas atividades.

As exportações do Estado caíram 25,3% entre janeiro e novembro de 2020, em relação ao mesmo período do ano anterior. Setorialmente, as maiores quedas aconteceram nos ramos de celulose e papel, veículos automotores, produtos químicos e produtos do fumo. Considerando os 10 principais destinos, as vendas gaúchas caíram para todos, com destaque para as quedas de Chile, Peru, Bélgica e Paraguai. Para a China, principal mercado do Estado, as exportações foram reduzidas em 22,0% no período.

Em meio à retomada da economia do Estado no terceiro trimestre, o mercado de trabalho apresentou resultados mistos. Os dados da ocupação e a taxa de desocupação pioraram ainda mais no terceiro trimestre. O número de ocupados foi reduzido em 596 mil pessoas em relação ao terceiro trimestre de 2019, uma queda que renovou o recorde do trimestre anterior. A taxa de desocupação passou para 10,3%, um aumento de 1,5 ponto percentual em relação à taxa de um ano antes. Essa taxa só não foi maior porque o número de pessoas na força de trabalho encolheu 561 mil pessoas no período.

No mercado formal de trabalho, por outro lado, houve melhora nos dados, seguindo de perto a evolução positiva da atividade econômica. Após as grandes perdas líquidas de empregos entre março e junho, os meses posteriores apresentaram criação de 80.629 novas vagas, recuperando parcialmente as 136.252 vagas de emprego perdidas nos meses anteriores.

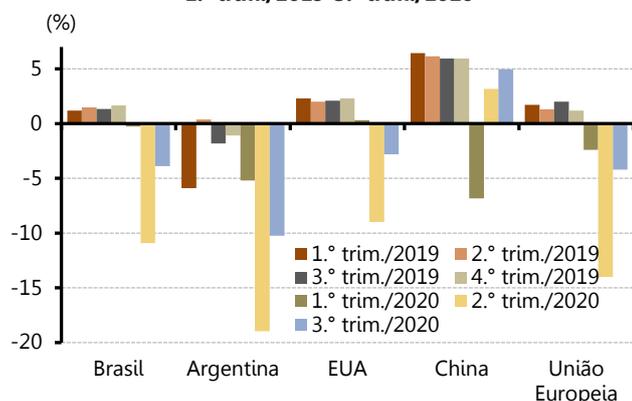
A arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) teve seu comportamento ditado bem de perto pela evolução da atividade econômica. A arrecadação caiu até maio, quando passou a crescer novamente. Entre agosto e novembro de 2020, o ICMS arrecadado foi maior do que em 2019. No acumulado do ano até novembro, no entanto, a arrecadação ainda foi 0,9% inferior, em termos reais, que a do mesmo período do ano anterior.

Para os próximos meses, as perspectivas para a economia gaúcha, baseadas nos dados mais recentes do desempenho da produção industrial, das vendas do comércio e da arrecadação de ICMS, são de continuidade da recuperação da atividade econômica, mesmo que em ritmo mais lento que o verificado, principalmente, até setembro. Ainda pesarão um mercado de trabalho deteriorado, o fim do Auxílio Emergencial e a incerteza quanto à evolução da pandemia. Afora essas questões, no caso do Rio Grande do Sul, há, ainda, o risco de uma nova estiagem, que afetaria negativamente a safra de verão do Estado.

1 ECONOMIA INTERNACIONAL

Os resultados do produto das economias mundiais no terceiro trimestre de 2020 apontam uma recuperação acentuada, comparada ao desempenho bastante ruim do trimestre anterior, embora ainda distante dos níveis pré-pandemia. Com exceção da China — que, pelo segundo trimestre consecutivo, apresentou taxas positivas de crescimento na comparação interanual e já apresenta taxa positiva no acumulado do ano —, as principais economias do mundo registraram taxas muito melhores do que as verificadas no segundo trimestre e continuam sofrendo as consequências da pandemia de Covid-19 (**Gráfico 1.1**).

Gráfico 1.1 - Taxas de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) trimestral em economias selecionadas — 1.º trim./2019-3.º trim./2020



Fonte: IBGE (2020a).
Instituto Nacional de Estadística y Censos (2020).
Bureau of Economic Analysis (2020).
China (2020).
Eurostat (2020).
Nota: Comparação com o mesmo período do ano anterior.

A economia chinesa vem apresentando uma retomada gradativa de seu nível de produção industrial, investimentos e vendas no varejo, além de uma redução na taxa de desemprego. Já nos Estados Unidos, os números do terceiro trimestre foram ligeiramente melhores do que o esperado, puxados pelo consumo das famílias, pelo investimento privado, tanto o residencial quanto o não residencial, e pelas exportações de bens. Na União Europeia, região mais afetada pelas medidas de distanciamento social, o resultado também foi melhor do que o esperado, embora a atividade econômica ainda esteja no nível de 2017. Enquanto, no segundo trimestre de 2020, em comparação com igual trimestre do ano anterior, o Produto Interno Bruto (PIB) das principais economias da região tenha-se retraído mais de 15% (com exceção da Alemanha,

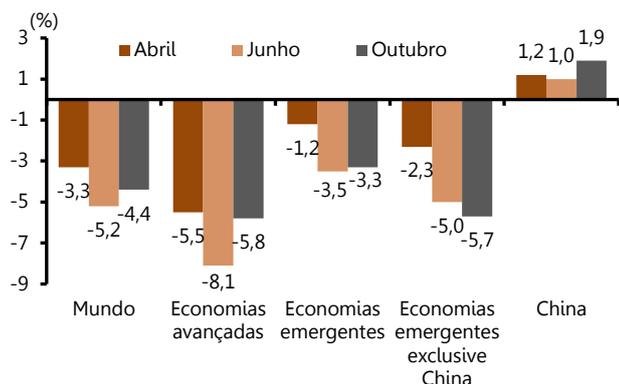
-11,3%), no terceiro trimestre as taxas foram maiores do que -9% (-8,7% na Espanha, -5,6% em Portugal, -5,2% na Itália, -4,5% na França e -3,9% na Alemanha). Já o Reino Unido registrou uma contração de 11,1% ante uma taxa de -22,5% no segundo trimestre.

Em relação às economias emergentes, o Brasil registrou uma contração de 3,9%, com um resultado mais fraco do que o esperado. Por seu turno, a Argentina registrou, no terceiro trimestre, a quinta taxa negativa sucessiva de crescimento na comparação interanual, na esteira das consequências da atual crise sanitária e da recessão econômica que já vinha atravessando desde antes da pandemia.

A recuperação da economia mundial está sujeita e bastante condicionada aos desenvolvimentos e desdobramentos da pandemia. A segunda onda de contaminação pela Covid-19 está em curso e já vem afetando os indicadores econômicos de alta frequência de diversas economias, embora de forma desigual. Por outro lado, campanhas de vacinação já se iniciaram em diversos países, o que pode possibilitar uma retomada mais rápida da atividade econômica. Ademais, a recuperação também depende das ações de apoio adotadas pelos países para sustentar a atividade econômica, a demanda e a renda de famílias e empresas. Enquanto diversos pacotes econômicos com medidas fiscais e monetárias foram realizados, outros novos continuam a aparecer, sobretudo pelo fim das medidas de estímulo com a chegada do final do ano e pelo prolongamento da debilidade da situação econômica mundial. São os casos, por exemplo, de €\$ 750 bilhões da União Europeia e o de US\$ 900 bilhões dos Estados Unidos.

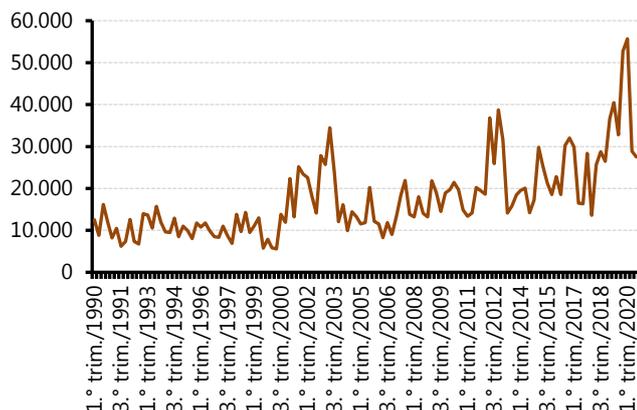
Nesse contexto, a estimativa de outubro do Fundo Monetário Internacional (FMI) para o crescimento da economia mundial em 2020 é de -4,4%, voltando a crescer em 2021 (5,2%). Essa estimativa foi revisada para cima em relação às de junho. Essa revisão altista deu-se para todas as regiões analisadas, com exceção das economias emergentes desconsiderando a China (**Gráfico 1.2**). Logo, a partir dos desdobramentos e da extensão da segunda onda, das ações governamentais e da extensão da campanha de vacinação ao redor do mundo, o ambiente internacional continua permeado de incertezas e instabilidades (**Gráfico 1.3**). O que é certo atualmente é que o produto global de 2020 apresentará um dos piores resultados da história (**Gráfico 1.4**).

Gráfico 1.2 - Projeções de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) mundial e por grupos de economias — 2020



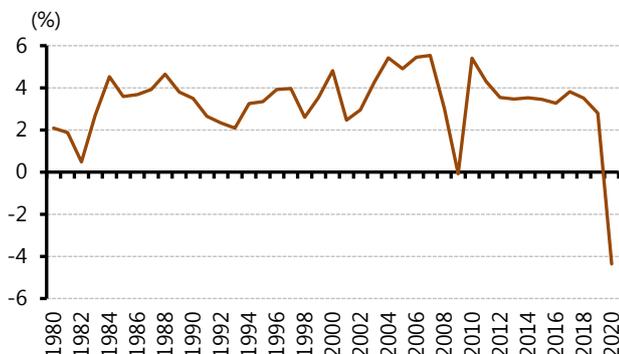
Fonte: International Monetary Fund (2020).

Gráfico 1.3 - Índice de incerteza mundial (WUI) — 1.º trim./1990-3.º trim./2020



Fonte: The world uncertainty index (AHIR; BLOOM; FURCER), (2018).
Nota: o índice mede a incerteza geral ao redor do mundo. Quanto maior o valor, maior a incerteza. O índice é uma média ponderada do Produto Interno Bruto de 142 países.

Gráfico 1.4 - Taxa de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) mundial — 1980-2020



Fonte: International Monetary Fund (2020).
Nota: Previsão para 2020.

A lenta retomada da atividade econômica ao redor do mundo vem sendo bastante desigual em termos setoriais, com a indústria mostrando maiores indícios de recuperação do que os serviços. Ao mesmo tempo, o desempenho do fluxo de comércio de bens vem apresentando resultados favoráveis com uma rápida recuperação (a queda do *quantum* de comércio vem mostrando-se cada vez menor ao longo do tempo), embora também com ritmos diferentes entre os países e regiões. O **Gráfico 1.5** expõe a evolução sincronizada do comércio de bens e da produção industrial no mundo, a forte desaceleração a partir de fevereiro de 2020 (embora a desaceleração já viesse ocorrendo desde meados de 2018, na esteira das tensões comerciais e tecnológicas entre China e Estados Unidos) e a posterior recuperação desde maio, já recobrando a maior parte da perda auferida durante o auge da pandemia.

Gráfico 1.5 - Crescimento interanual da produção industrial e do comércio de bens no mundo — jan./2015-out./2020



Fonte: Netherlands (2020).
Nota: Média móvel de três meses.

Após retrações bastante pronunciadas no segundo trimestre, o comércio de bens e a produção industrial dos países e regiões apresentaram uma recuperação no terceiro trimestre em praticamente todos os países e regiões, embora ainda registrem taxas negativas na comparação interanual, exceção feita à China que já registrou taxas positivas de crescimento no segundo trimestre (**Tabela 1.1**). Os resultados de outubro, os mais recentes disponíveis, indicam resultados ainda mais animadores de recuperação, atrelados a resultados também positivos no acumulado do ano em alguns países e regiões.

Tabela 1.1 - Crescimento do comércio de bens e da produção industrial, em volume, no mundo — 2018-2020

ECONOMIAS E REGIÕES	2018	2019	JAN- OUT/ 2020	1° TRIM/ 2020	2° TRIM/ 2020	3° TRIM/ 2020	OUT/ 2020
Comércio mundial de bens	3,4	-0,4	-6,6	-3,1	-14,4	-4,2	-2,4
Importações mundiais	3,8	-0,4	-6,9	-3,5	-13,6	-5,3	-3,6
Economias avançadas	2,7	-0,2	-7,4	-4,1	-14,9	-5,2	-3,2
Área do Euro	2,1	-0,1	-9,7	-5,4	-18,9	-6,7	-4,8
Estados Unidos	5,2	-0,3	-6,4	-4,6	-15,0	-2,7	-0,2
Japão	3,1	0,9	-7,1	-5,1	-4,5	-11,9	-9,9
Ásia avançada, exclusive							
Japão	4,0	-2,2	-0,8	1,2	-4,1	-0,2	0,9
Outras economias avan-							
çadas	0,5	0,8	-8,8	-4,4	-18,3	-5,9	-4,0
Economias emergentes	6,4	-0,9	-5,9	-2,1	-10,8	-5,7	-4,3
China	6,9	-0,4	3,2	-0,7	2,5	6,9	5,9
Ásia emergente, exclu-							
sive China	10,9	-2,6	-13,3	-3,5	-23,5	-13,8	-11,3
Europa Oriental / CEI	2,1	3,0	-8,3	-2,6	-11,3	-10,6	-9,9
América Latina	4,8	-1,6	-14,3	-3,3	-22,4	-18,0	-13,8
África e Oriente Médio ..	0,8	-0,2	-2,7	-1,0	-4,0	-3,5	-2,5
Exportações mundiais	3,1	-0,4	-6,3	-2,7	-15,2	-3,0	-1,2
Economias avançadas	2,7	-0,2	-8,3	-2,5	-19,1	-5,3	-3,3
Área do Euro	1,9	-0,2	-10,3	-4,5	-22,5	-6,2	-4,4
Estados Unidos	4,2	-0,5	-11,7	-2,1	-24,9	-10,3	-8,1
Japão	2,6	-1,6	-10,0	-2,5	-20,2	-10,6	-5,2
Ásia avançada, exclusive							
Japão	3,3	-1,7	0,1	1,7	-5,4	3,3	4,1
Outras economias avan-							
çadas	2,8	1,2	-8,0	-2,0	-19,1	-5,1	-3,2
Economias emergentes	3,9	-0,8	-2,3	-3,2	-7,3	1,6	2,9
China	5,4	0,5	1,0	-6,5	-2,6	7,3	10,6
Ásia emergente, exclusi-							
ve China	4,4	-1,6	-5,3	-2,1	-14,3	-1,2	-0,1
Europa Oriental / CEI	3,9	-1,3	2,0	-1,8	4,6	2,6	3,0
América Latina	3,0	0,4	-4,5	-0,7	-14,1	0,1	-0,6
África e Oriente Médio ..	1,0	-3,9	-6,1	-1,1	-8,7	-7,7	-7,3
Produção industrial mun-							
dial	3,1	0,9	-5,2	-4,1	-10,2	-2,8	-1,6
Economias avançadas	2,4	-0,3	-7,4	-2,4	-15,4	-5,7	-4,4
Área do Euro	0,9	-1,5	-10,2	-6,0	-20,4	-6,5	-5,2
Estados Unidos	3,9	0,9	-7,3	-1,9	-14,2	-6,5	-5,9
Japão	1,0	-2,6	-11,0	-4,2	-19,4	-11,8	-8,2
Ásia avançada, exclusi-							
ve Japão	2,0	-0,9	2,3	6,0	-1,6	2,4	4,0
Outras economias avan-							
çadas	3,1	1,1	-5,0	-0,4	-13,3	-2,7	-1,6
Economias emergentes	3,8	2,1	-3,0	-5,8	-4,9	0,1	1,2
China	6,2	5,7	0,9	-9,1	4,1	5,7	6,4
Ásia emergente, exclusi-							
ve China	4,5	0,5	-4,8	-1,1	-16,9	0,6	2,9
Europa Oriental / CEI	3,4	3,1	-2,5	2,1	-5,6	-3,4	-3,0
América Latina	-2,1	-5,0	-10,2	-4,9	-21,2	-7,1	-5,0
África e Oriente Médio ..	1,0	-2,9	-9,6	-3,0	-12,3	-12,5	-11,7

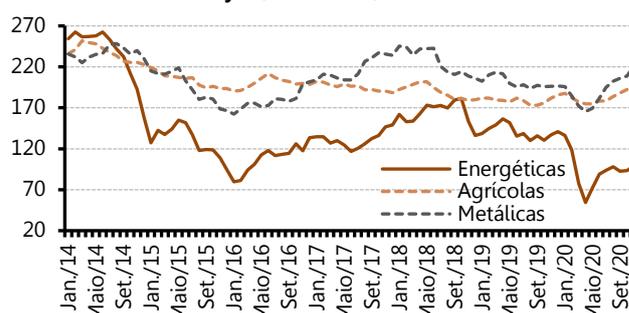
Fonte: Netherlands (2020).

Nota: CEI é a Comunidade dos Estados Independentes.

A recuperação dos fluxos comerciais também está atrelada ao recrudescimento dos preços das *commodities* nos últimos meses, os quais vêm acompanhando a reação da economia mundial, apesar de não se observar pressões inflacionárias nos países. Tanto as *commodities* agrícolas quanto as metálicas vêm demonstrando uma recuperação acelerada nos

últimos meses de 2020, enquanto as energéticas interromperam tal recuperação em setembro, mas ainda registram uma tendência altista (**Gráfico 1.6**). No que tange às principais *commodities* brasileiras, a soja em grão apresenta forte reação positiva dos seus preços no mercado internacional, assim como o minério de ferro, apesar de o seu preço ter recuado em outubro (**Gráfico 1.7**).

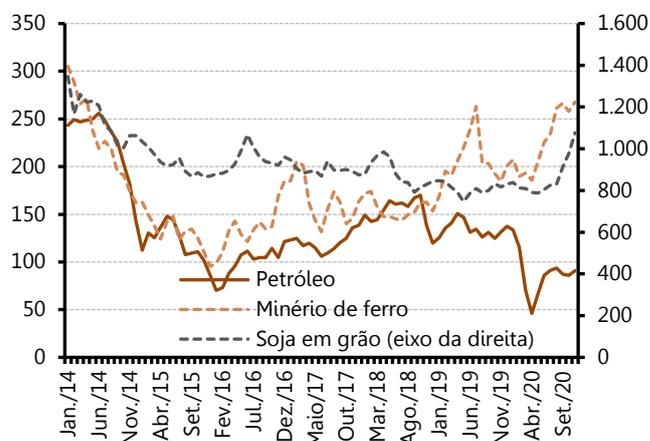
Gráfico 1.6 - Índice de preço de grupos de commodities — jan./2014-nov./2020



Fonte: World Bank (2020).

Nota: Valores deflacionados pelo índice de preços ao consumidor dos EUA; os índices têm como base 2014 = 100.

Gráfico 1.7 - Preços de commodities selecionadas — jan./2014-nov./2020



Fonte: World Bank (2020).

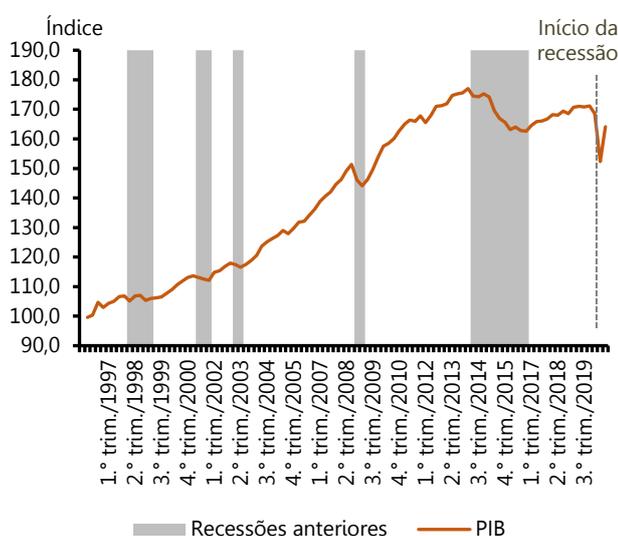
Nota: Petróleo (US\$/barril), minério de ferro (US\$/dmu), soja em grão (US\$/t); valores deflacionados pelo índice de preços ao consumidor dos EUA.

2 CENÁRIO INTERNO — BRASIL

2.1 ATIVIDADE ECONÔMICA

Os dados do 3.º trim./2020 apontam a continuidade do processo de recuperação da economia brasileira, iniciado ainda no trimestre anterior, após o forte choque econômico desencadeado pela pandemia. O PIB cresceu 7,7 % em relação ao segundo trimestre do ano. Contudo, esse alto crescimento deu-se sobre uma base baixa e foi ainda insuficiente para recuperar o nível de produção anterior ao início da crise (**Gráfico 2.1**). Em relação a igual trimestre do ano anterior, houve queda de 3,9%. Ademais, o nível de produção encontra-se cerca de 4,1% abaixo do observado no último trimestre de 2019, registrado como pico de atividade cíclica pelo Comitê de Datação dos Ciclos Econômicos (Codace) do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre-FGV)¹ e 7,3% inferior ao do 1.º trim./2014, ponto mais alto da série histórica.

Gráfico 2.1 – Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil — 1.º trim./1996-3.º trim./2020



Fonte dos dados brutos: Contas Nacionais Trimestrais (IBGE, 2020h).
Fundação Getúlio Vargas (2020).
Nota: Os índices têm como base a média de 1995 = 100.

A **Tabela 2.1** apresenta as taxas de crescimento dos componentes do PIB pela ótica da oferta. No terceiro trimestre, em relação ao trimestre imediatamente anterior, indústria e serviços tiveram crescimento expressivo, após dois trimestres consecutivos em

¹ Disponível em: <https://portalibre.fgv.br/node/1776>. Acesso em: 12 dez. 2020.

queda, enquanto a agropecuária apresentou leve recuo. Já em relação ao mesmo trimestre do ano anterior, a situação inverte-se: apenas a agropecuária apresentou crescimento, de 0,4%, enquanto indústria e serviços permanecem em queda.

Tabela 2.1 - Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil pela ótica da oferta — 2.º trim./2019-2.º trim./2020

a) variação % em relação ao mesmo trimestre do ano anterior				
PERÍODOS	AGROPECUÁRIA	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	PIB
3.º trim./2019	1,1	0,5	1,3	1,3
4.º trim./2019	-1,4	1,0	1,8	1,6
1.º trim./2020	4,0	-0,3	-0,7	-0,3
2.º trim./2020	2,5	-14,1	-10,2	-10,9
3.º trim./2020	0,4	-0,9	-4,8	-3,9
b) variação % em relação ao trimestre imediatamente anterior				
PERÍODOS	AGROPECUÁRIA	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	PIB
3.º trim./2019	1,6	-0,2	0,2	-0,2
4.º trim./2019	-1,7	0,1	0,4	0,2
1.º trim./2020	2,9	-0,9	-1,5	-1,5
2.º trim./2020	-0,2	-13,0	-9,4	-9,6
3.º trim./2020	-0,5	14,8	6,3	7,7

Fonte dos dados brutos: Contas Nacionais Trimestrais (IBGE, 2020h).

Na comparação com igual trimestre do ano anterior, o Valor Adicionado Bruto (VAB) agropecuário teve influência positiva da agricultura, a qual apresentou incremento de produtividade e produção. Algumas culturas com safra relevante no terceiro trimestre tiveram crescimento na estimativa de produção anual, como café (21,6%), cana de açúcar (3,5%), algodão (2,5%) e milho (0,3%). Por sua vez, as safras esperadas de laranja (-3,4%) e feijão (-4,0%), também com peso significativo no trimestre, caíram.

Na mesma base de comparação, o VAB da indústria nacional registrou a terceira taxa negativa consecutiva no ano. O principal destaque negativo no trimestre foi a construção civil (-7,9%). A indústria de transformação, apesar da leve queda de 0,2%, reagiu rapidamente após o tombo histórico de 20,9% observado no trimestre anterior. As atividades mais atingidas no terceiro trimestre foram vestuário, veículos, metalurgia e máquinas e equipamentos. Já eletricidade e gás, água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e indústrias extrativas tiveram crescimento, respectivamente, de 3,8% e 1,0%.

Similarmente, o setor de serviços encontra-se em trajetória de recuperação, porém mais lenta que a indústria. As quedas foram verificadas em outras atividades de serviços (-14,4%) — que incluem alojamento e alimentação; serviços profissionais, educação

e saúde mercantis; artes; cultura; esportes e recreação; e serviços domésticos, dentre outros — transportes (-10,4%), administração pública (-5,4%), comércio (-1,3%) e informação e comunicação (-1,3%). Da mesma forma que no trimestre anterior, serviços financeiros e imobiliários tiveram crescimento de 6,0% e 2,7% respectivamente.

A análise do PIB pela ótica da demanda indica reação dos componentes de demanda interna — consumo das famílias, consumo do Governo e Formação Bruta de Capital Fixo — no terceiro trimestre do ano, após o forte choque recessivo do segundo trimestre. A reação, porém, ainda não foi capaz de recuperar todas as perdas, mantendo-se todos os componentes abaixo dos níveis verificados no 3.º trim./2019 (**Tabela 2.2**).

Tabela 2.2 - Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil pela ótica da demanda — 3.º trim./2018-3.º trim./2019

a) variação % em relação ao mesmo trimestre do ano anterior

PERÍODOS	CONSUMO DAS FAMÍLIAS	CONSUMO DO GOVERNO	FBCF	EXPOR-TAÇÃO	IMPOR-TAÇÃO
3.º trim./2019	2,1	-1,1	4,1	-3,3	2,2
4.º trim./2019	2,3	-0,1	0,5	-4,8	0,6
1.º trim./2020	-0,7	-0,8	6,0	-2,4	5,2
2.º trim./2020	-12,2	-8,5	-13,9	0,7	-14,6
3.º trim./2020	-6,0	-5,3	-7,8	-1,1	-25,0

b) variação % em relação ao trimestre imediatamente anterior

PERÍODOS	CONSUMO DAS FAMÍLIAS	CONSUMO DO GOVERNO	FBCF	EXPOR-TAÇÃO	IMPOR-TAÇÃO
3.º trim./2019	0,5	-0,1	3,0	-0,7	3,1
4.º trim./2019	0,4	-0,3	-2,7	1,7	-4,7
1.º trim./2020	-2,0	-0,5	2,4	-1,9	-0,5
2.º trim./2020	-11,3	-7,7	-16,5	1,6	-12,4
3.º trim./2020	7,6	3,5	11,0	-2,1	-9,6

Fonte dos dados brutos: Contas Nacionais Trimestrais (IBGE, 2020h).

O impulso observado na demanda interna é reflexo de dois fatores principais. Em primeiro lugar, o Auxílio Emergencial permitiu repor parte das perdas de rendimento dos trabalhadores, sobretudo daqueles mais vulneráveis. O volume de recursos do Auxílio injetado na economia até novembro foi de cerca de R\$ 258 bilhões, sendo que as maiores parcelas (R\$ 600, ou R\$ 1.200 para mães chefes de família) foram entregues à população ao longo do terceiro trimestre. A partir de setembro, os valores repassados foram reduzidos à metade.

Outro fator importante foi o arrefecimento no isolamento social, contribuindo com a recuperação, principalmente do comércio e dos serviços, conforme

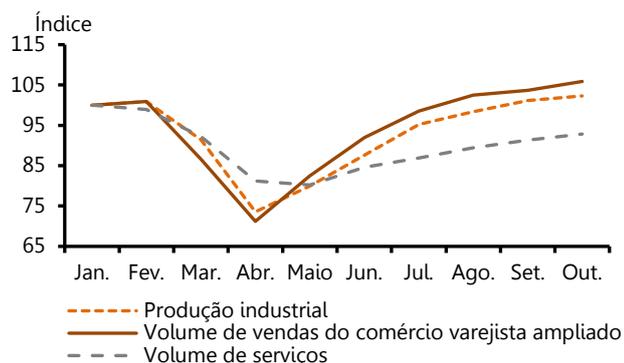
verificado nos dados do Relatório de Mobilidade da Comunidade do Google². Os índices medem as variações percentuais, em relação a um valor base anterior às medidas de isolamento, de visitas a estabelecimentos de varejo e lazer, mercados e farmácias, parques, estações de transporte público, locais de trabalho e a permanência em residências. Em meados de março, houve uma queda abrupta nesses índices para estabelecimentos não residenciais. A partir do fim daquele mês e início do mês seguinte, os índices começaram a caminhar lentamente para a normalidade, havendo maior isolamento no segundo trimestre do que no trimestre subsequente. Em 11.12.2020, varejo, parques e estações de trânsito ainda permaneciam abaixo do valor base.

Esses fatores levaram o consumo a crescer 7,6% em relação ao trimestre imediatamente anterior. Porém, dada a magnitude da queda observada no segundo trimestre, o nível seguiu 6% inferior ao do mesmo trimestre de 2019. Já a Formação Bruta de Capital Fixo cresceu 11,0% na margem, porém com queda de 7,8% frente a igual trimestre do ano anterior, devido ao recuo na produção e na importação de bens de capital e ao forte choque sofrido pela construção civil. O consumo do Governo seguiu padrão semelhante, com avanço de 3,5% em relação ao trimestre imediatamente anterior e queda de 5,3% frente a igual período do ano anterior. Recordar-se que diversos serviços públicos ainda não voltaram a ser prestados devido à impossibilidade de oferecê-los de forma remota, como museus, parques, creches etc. Quanto ao setor externo, tanto as exportações quanto as importações sofreram contração, ambas na margem e em relação ao mesmo trimestre de 2019. Nas exportações, as maiores quedas foram em máquinas e equipamentos, outros equipamentos de transporte, veículos automotores, metalurgia e serviços; nas importações, foram em veículos automotores, derivados do petróleo, máquinas e equipamentos, outros equipamentos de transporte e serviços.

Conforme atestado também por indicadores de frequência mensal, a recuperação da atividade econômica iniciou-se ainda no segundo trimestre, a partir de maio. O comércio recuperou o nível de vendas de janeiro em agosto, enquanto a indústria tardou um mês mais. Os serviços são a única atividade que ainda não se recuperou (**Gráfico 2.2**).

² Disponível em: <https://www.google.com/covid19/mobility/>. Acesso em: 15 dez. 2020.

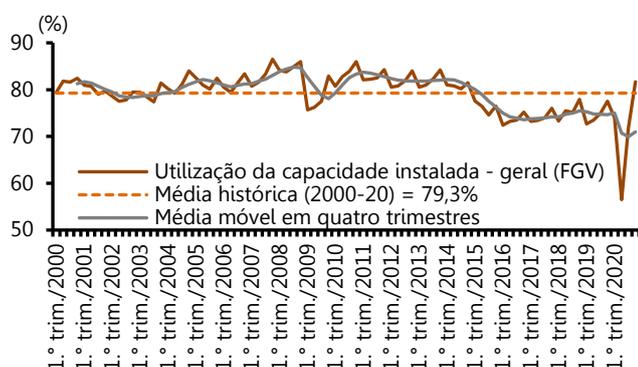
Gráfico 2.2 – Produção industrial, volume de vendas do comércio varejista ampliado e volume de serviços com ajuste sazonal no Brasil — jan.-out./2020



Fonte: Pesquisa Industrial Mensal - Produção (IBGE, 2020c).
Pesquisa Mensal do Comércio (IBGE, 2020e).
Pesquisa Mensal dos Serviços (IBGE, 2020f).
Nota: Os índices têm como base jan./2020 = 100

Diante da retração da oferta de produtos e serviços e da expansão da demanda, a utilização da capacidade instalada, após atingir no segundo trimestre o menor nível desde 1970, reagiu rapidamente, superando, no quarto trimestre do ano, inclusive, a média histórica de 79,3% pela primeira vez desde 2015 (**Gráfico 2.3**).

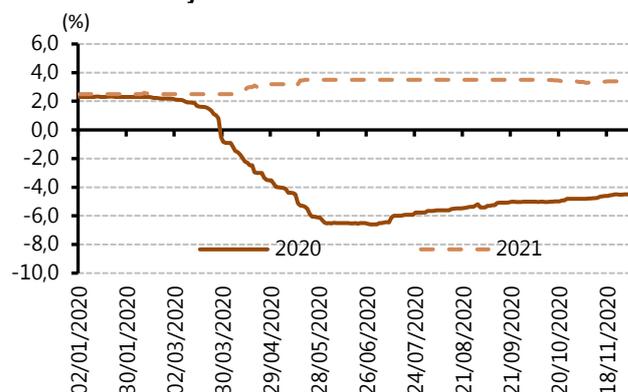
Gráfico 2.3 - Utilização da capacidade instalada trimestral da indústria geral no Brasil — 1.º trim./2000-4.º trim./2020



Fonte dos dados brutos: Banco Central do Brasil (2020).

Por fim, a flexibilização das medidas restritivas nos últimos meses de 2020, os resultados positivos nos testes realizados com vacinas, o início da imunização em outros países já em 2020 e o anúncio de intenção de compra de vacinas pelo Governo brasileiro deixaram as previsões de mercado mais otimistas para 2020 e 2021. Dados do Relatório Focus de 18 de dezembro de 2020 indicam expectativas de queda de 4,4% do PIB em 2020 e crescimento de 3,5% em 2021 (**Gráfico 2.4**).

Gráfico 2.4 - Expectativas de crescimento para 2020 e 2021 do Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil — 02 de janeiro a 04 de dezembro de 2020



Fonte dos dados brutos: Banco Central do Brasil (2020).

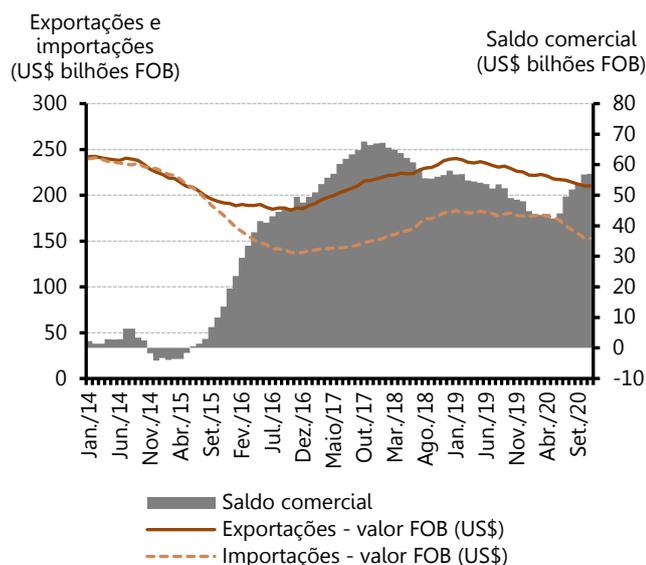
2.2 SETOR EXTERNO

O saldo de comércio exterior brasileiro reverteu em 2020 a tendência geral de queda, observada a partir de 2017. Em novembro, o saldo acumulado em 12 meses totalizou US\$ 56,9 bilhões, 17% acima do observado em igual período de 2019. As exportações somaram US\$ 210,1 bilhões, e as importações, US\$ 153,1 bilhões. No acumulado do ano até novembro, o saldo cresceu 21%. O crescimento do saldo em um período de declínio, tanto das exportações quanto das importações, deve-se à diferença na velocidade da queda entre estes dois componentes. (**Gráfico 2.5**). Enquanto as exportações acumuladas em 12 meses caíram 7%, passando de US\$ 226,2 bilhões para US\$ 210,1 bilhões, as importações reduziram de US\$ 177,7 bilhões para US\$ 153,1 bilhões, uma queda de 14%, fazendo com que o superávit aumentasse de US\$ 48,5 bilhões em novembro de 2019 para US\$ 56,9 bilhões em 2020.

O contexto de fraca atividade econômica em meio à pandemia de Covid-19 contribuiu para a derubada tanto das importações quanto das exportações dos mais diferentes países. Conforme a seção 1, a última estimativa do FMI de queda para o PIB mundial em 2020 é de 4,4%, com efeitos danosos sobre o fluxo comercial. Nesse cenário, dos quatro principais destinos, as exportações brasileiras tiveram incremento apenas para a China. Entre janeiro e novembro de 2020, o valor exportado para esse país foi de US\$ 63,2 bilhões, um aumento de US\$ 5,4 bilhões em relação ao mesmo período do ano anterior. Por outro lado, os outros três grandes destinos — União Europeia, Estados Unidos e Argentina — sofreram quedas bruscas,

de US\$ 4,4 bilhões, US\$ 8,1 bilhões e US\$ 1,4 bilhões respectivamente. Frisa-se que, no caso da Argentina, esse resultado é fruto não apenas da própria perda de renda em função da pandemia, mas também de uma série de medidas de cunho protecionista e de controle cambial implementadas pelo país a partir de 2019 e reforçadas em 2020, conforme discutido no Boletim anterior.³

Gráfico 2.5 - Exportações, importações e saldo comercial do Brasil com o mundo — jan./14-set./20

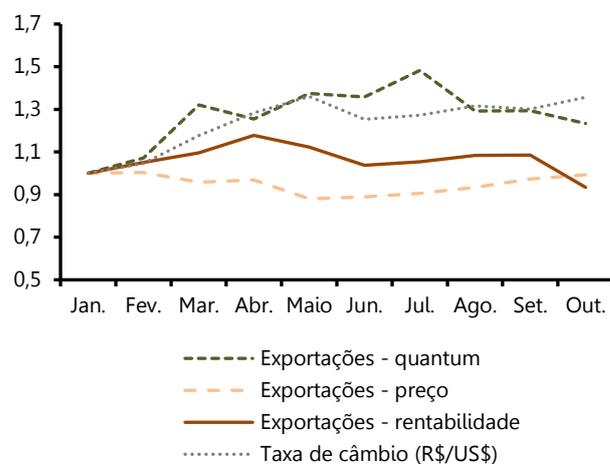


Fonte dos dados brutos: Brasil (2020a).
Nota: Fluxo acumulado em 12 meses.

Além dos efeitos da recessão a nível global, outro fator que explica parte do comportamento das exportações é a taxa de câmbio. Ambas as taxas de câmbio — R\$/US\$ e efetiva real (TCER) — sofreram aumentos significativos, de 36% e 8%, respectivamente, entre janeiro e outubro. Contudo, o movimento de depreciação da TCER ocorreu até maio. A partir de então, com o aumento substancial da inflação medida pelo Índice de Preços ao Atacado, a TCER caiu, reduzindo seu efeito sobre desempenho dos itens exportados. Ademais, cabe notar também que, até maio, o preço dos produtos exportados contraiu cerca de 12%, em média, em relação a janeiro, revertendo sua trajetória a partir daí. Entretanto, a elevação dos custos de produção mais do que compensou o aumento do preço das exportações e a depreciação da taxa de câmbio, resultando em queda da rentabilidade das exportações (**Gráfico 2.6**).

³ Disponível em: <https://dee.rs.gov.br/boletim-conjuntura>. Acesso em 5 dez. 2020.

Gráfico 2.6 – Índices de *quantum*, preços e rentabilidade das exportações do Brasil e taxa de câmbio — jan.-out./2020



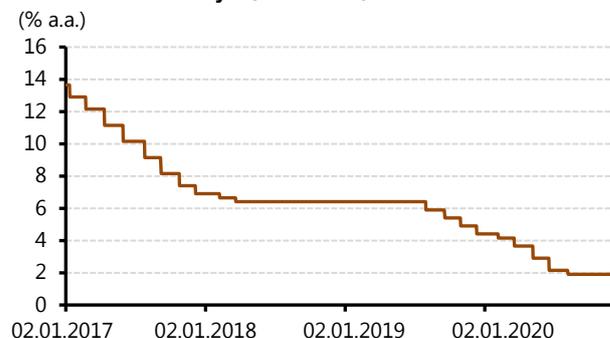
Fonte: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2020).

O Relatório Focus de 18 de dezembro aponta um superávit comercial de US\$ 56 bilhões no fechamento de 2020, que deverá reduzir-se para US\$ 55 bilhões ao final de 2021, conforme a economia nacional se recupere e as importações voltem a crescer.

2.3 INFLAÇÃO, CRÉDITO E JUROS

De maneira geral, a política monetária implementada pelo Banco Central do Brasil foi estimulativa ao longo de 2020. A taxa Selic, que se encontrava em 4,5% a.a. em janeiro, encerrou 2020 no patamar de 2% a.a., menor nível da série histórica desse indicador desde a implementação do sistema de metas de inflação em 1999. Porém, a queda progressiva da taxa básica de juros encerrou-se em agosto, a partir de quando permaneceu estável no patamar de 2% a.a. até o fechamento de 2020 (**Gráfico 2.7**).

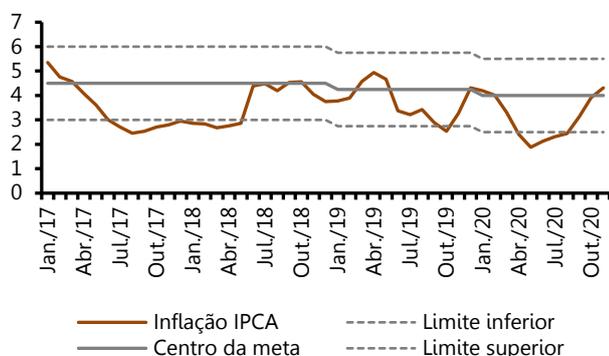
Gráfico 2.7 - Meta da taxa de juros Selic no Brasil — jan./2017-dez./2020



Fonte dos dados brutos: Banco Central do Brasil (2020).

A mudança de comportamento da Selic entre o primeiro e o segundo trimestre reflete tanto a diferença de desempenho da atividade econômica quanto os riscos subjacentes aos dois períodos. Conforme visto em seções anteriores, as atividades industrial, comercial e de serviços tiveram quedas expressivas até abril-maio. A partir de então, entraram em trajetória de recuperação, inclusive superando o patamar pré-crise já no terceiro trimestre, no caso dos dois primeiros indicadores. A utilização da capacidade da indústria, que havia atingido o menor nível desde 1970 no segundo trimestre, superou a média histórica, pela primeira vez desde 2015, no quarto trimestre do ano. Além disso, o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), que chegou a apontar deflação nos meses de abril e maio e que ficou abaixo do limite inferior da meta de inflação no acumulado em 12 meses entre abril e agosto, em novembro já se encontrava acima do centro da meta de 4,0% a.a. (**Gráfico 2.8**). Assim, apesar da alta ociosidade ainda concentrada no setor de serviços, no segundo semestre a inflação respondeu à recuperação da atividade e às pressões de custos advindas do câmbio.

Gráfico 2.8 - Variação percentual do Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) acumulado em 12 meses e metas de inflação no Brasil — jan./2017-nov./2020

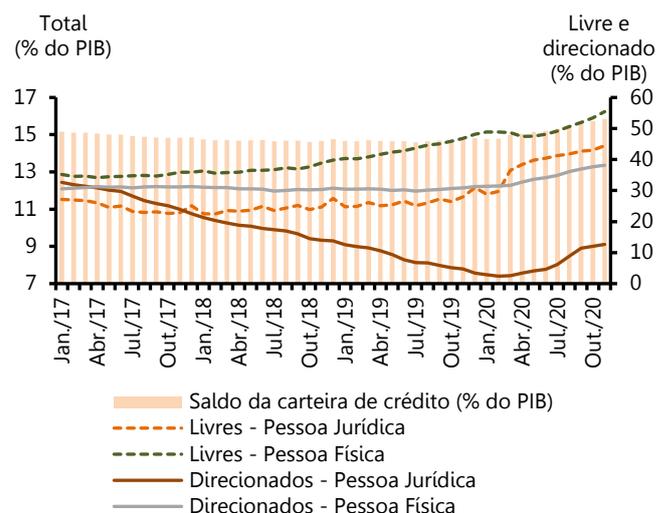


Fonte dos dados brutos: Banco Central do Brasil (2020).
Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IBGE, 2020b).

No que se refere aos indicadores do mercado de crédito, houve elevação considerável do saldo da carteira total do Sistema Financeiro Nacional entre janeiro e novembro. Em novembro, o indicador alcançou 53% do PIB, com crescimento de ambos os créditos livre e direcionado, tanto para pessoa física quanto para pessoa jurídica (**Gráfico 2.9**). No segmento pessoa física, o crédito livre foi puxado, em grande parte, pelo aumento dos gastos com cartão de crédito e para compra de veículos, enquanto o direcionado respondeu à maior oferta de crédito imobiliário. Para

pessoa jurídica, programas de combate aos efeitos da pandemia como Programa Emergencial de Suporte a Empregos (PESE), Programa Nacional de Apoio às Microempresas e Empresas de Pequeno Porte (Pro-nampe) e Programa Emergencial de Acesso ao Crédito (PEAC) foram responsáveis pelo crescimento do segmento.

Gráfico 2.9 - Saldo de crédito total, com recursos livres e direcionados, do Brasil — jan./2017-nov./2020



Fonte dos dados brutos: Banco Central do Brasil (2020).

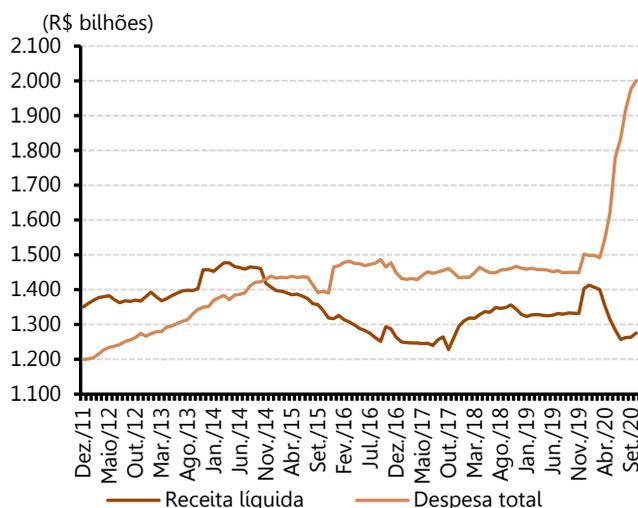
Com a elevação do volume de crédito, a dívida das famílias também cresceu. O endividamento das famílias com o Sistema Financeiro Nacional, em relação à renda acumulada nos últimos 12 meses, atingiu o maior patamar da série histórica em novembro, de 48,5%, continuando a trajetória de crescimento iniciada em 2018. A inadimplência da carteira do Sistema Financeiro Nacional, tanto no segmento de pessoa física quanto jurídica, segue em patamares historicamente baixos, apesar da recessão, em razão do ambiente macroeconômico de taxas de juros em mínimas históricas e das renegociações de dívidas acordadas durante a pandemia.

Essa situação poderá reverter-se em 2021, caso haja nova escalada dos juros. Ao mesmo tempo, a segunda onda de Covid-19 pode exigir medidas adicionais de despesas públicas. Esses fatores compõem grande fonte de incerteza à condução da política monetária em 2021. Segundo dados do Relatório Focus de 18 de dezembro, as expectativas de mercado para a inflação e a taxa de juros para 2021 são, respectivamente, de 3,37% e 3,0%. Já em 2020, a meta da taxa Selic fechou o ano em 2%, e a inflação pelo IPCA esperada pelo mercado é de 4,39%.

2.4 FINANÇAS PÚBLICAS

Na área fiscal, o ano de 2020 foi marcado pelo forte descompasso entre despesas e receitas, na esteira da recessão e das medidas necessárias para combater as crises econômica e sanitária. Após registrar um déficit primário de R\$ 199,3 bilhões em termos reais — o maior da série histórica em um único mês desde 1997 —, o resultado primário do Governo Central — que inclui Tesouro Nacional, Previdência e Banco Central — desacelerou sua queda entre julho e outubro. Os principais fatores que explicam esse resultado são a recuperação econômica do terceiro trimestre, que impactou positivamente as receitas, e a redução dos valores despendidos com o Auxílio Emergencial a partir de setembro, dando certo alívio pelo lado das despesas. Contudo, nos 12 meses encerrados em outubro, a diferença entre despesas e receitas seguiu grande (**Gráfico 2.10**). A receita líquida somou R\$ 1,3 trilhão, enquanto as despesas foram da ordem de R\$ 2,0 trilhões, gerando um déficit primário de R\$ 728 bilhões, incremento de 563% em relação ao mesmo período do ano passado.

Gráfico 2.10 – Receita líquida e despesa total do Governo Central do Brasil – dez./2011-out./2020

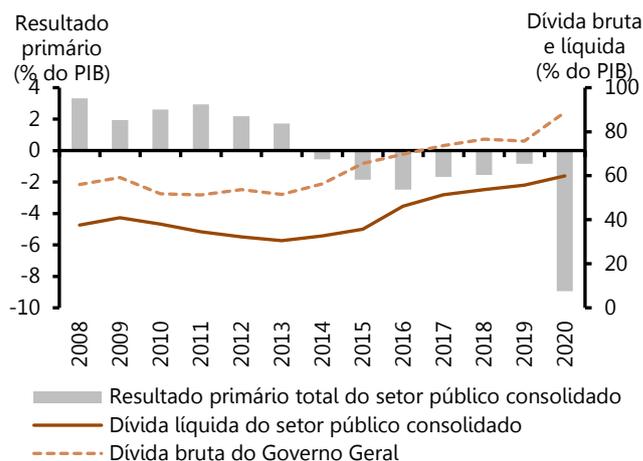


Fonte dos dados brutos: Ministério da Economia-Secretaria do Tesouro Nacional (BRASIL, 2020)
Nota: Acumulado em 12 meses. Dados atualizados pelo IPCA.

Dado o tamanho do déficit, a dívida pública também se elevou a patamares historicamente altos. No conceito do Governo Geral — que incorpora o Governo Federal, os governos estaduais e municipais, excluindo-se Banco Central e estatais —, a dívida bruta atingiu 88,8%, enquanto a dívida líquida do setor público consolidado — que abrange, além do Governo

Central, governos estaduais e municipais, Itaipu Binacional, bem como empresas estatais não financeiras, exceto Petrobrás e Eletrobrás — chegou a 59,9% do PIB em outubro (**Gráfico 2.11**). A expectativa do mercado é de que a dívida líquida encerre o ano de 2020 em 65,2% e o de 2021 em 67%, de acordo com os dados do Relatório Focus de 18 de dezembro de 2020.

Gráfico 2.11 - Resultado primário acumulado em 12 meses e estoques da dívida bruta e dívida líquida no Brasil — 2008-20



Fonte dos dados brutos: Banco Central do Brasil (2020).
Nota: Para 2020, considera-se o acumulado em 12 meses até outubro.

Cabe ressaltar que, para 2021, o cenário fiscal é especialmente desafiador. Por um lado, o Governo enfrentará o dilema das restrições impostas pelo teto dos gastos, ponderando as possíveis implicações de descumpri-lo, em especial, a elevação do prêmio de risco e seus impactos sobre a trajetória da dívida pública. Ao mesmo tempo, o surgimento de uma segunda onda da Covid-19 ao final de 2020 poderá exigir novos gastos extraordinários em 2021, para amenizar seus efeitos na saúde e na economia, enquanto a imunização da população e o retorno à normalidade não ocorrem.

3 CENÁRIO INTERNO — RS

3.1 ATIVIDADE ECONÔMICA

Depois de uma queda recorde no 2.º trim./2020, o Produto Interno Bruto do Rio Grande do Sul retomou o crescimento na passagem do segundo para o terceiro trimestre do ano na série com ajuste sazonal. A taxa de crescimento nessa base de comparação foi de 12,9%, recorde positivo na série histórica com início em 2012 e superior à observada no Brasil no mesmo período (7,7%) (**Tabela 3.1**). Cabe notar, no entanto, que essa expansão se deu sobre uma base de comparação bastante deprimida, impactada negativamente pelas perdas na agropecuária provocadas pela estiagem, que alcançou sua maior influência no segundo trimestre do ano, e pelos efeitos da pandemia, que também se concentraram nesse período e atingiram preponderantemente a indústria e os serviços.

A retomada observada no terceiro trimestre esteve associada, fundamentalmente, a três fatores: a passagem do maior efeito da estiagem sobre a agropecuária, o impacto positivo da redução do distanciamento social e o suporte financeiro a desempregados informais através do Auxílio Emergencial, estes dois últimos com impactos positivos sobre as vendas do comércio, o volume dos serviços e a produção industrial. Embora a retomada tenha sido bastante positiva, ela ainda se encontra incompleta, uma vez que, quando comparado com igual trimestre de 2019, o PIB do Estado do 3.º trim./2020 ainda apresenta queda, de 4,1%, taxa levemente inferior à do Brasil (-3,9%).

A análise da evolução do PIB do Rio Grande do Sul na série com ajuste sazonal mostra que o índice de volume do 3.º trim./2020, apesar da forte retomada, ainda está distante de recuperar os valores dos trimestres anteriores à pandemia. Em relação ao 4.º trim./2019, último período livre dos efeitos da pandemia, o nível atual ainda se encontra 4,7% abaixo. Em uma comparação com prazo maior, o índice registrado no 3.º trim./2020 só é maior que o do 3.º trim./2017, período que marcou a volta do crescimento após a grave crise de 2014-16 (**Gráfico 3.1**).

No acumulado do ano (janeiro a setembro), o produto gaúcho variou -8,6% e, em 12 meses, -6,6%. Nos dois casos, o desempenho do Rio Grande do Sul foi inferior ao do País. De modo geral, os efeitos negativos da pandemia sobre as duas economias foram

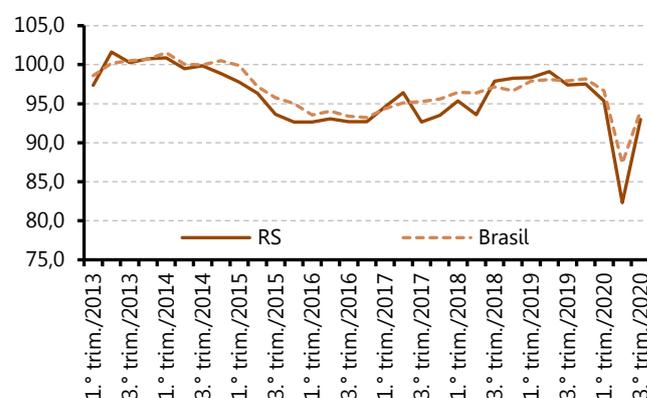
bastante parecidos, sendo a estiagem o principal fator que ocasionou a performance inferior do Estado em relação à nacional nessas bases de comparação.

Tabela 3.1 - Variação do Produto Interno Bruto (PIB) do Rio Grande do Sul e do Brasil — 3.º trim./2020

PERÍODO DE COMPARAÇÃO	RS		BRASIL	
	(%)			
3.º trim./2020 / 2.º trim./2020 (com aj. sazonal)	12,9	7,7		
3.º trim./2020 / 3.º trim./2019	-4,1	-3,9		
Acumulado no ano	-8,6	-5,0		
Acumulado em 12 meses	-6,6	-3,4		

Fonte: SPGG-RS/DEE (RIO GRANDE DO SUL, 2020a).
IBGE (2020).

Gráfico 3.1 - Índice do volume do Produto Interno Bruto (PIB) do Rio Grande do Sul e do Brasil — 2013-20



Fonte: SPGG-RS/DEE (RIO GRANDE DO SUL, 2020a).
IBGE (2020).

Nota: 1. Os índices têm como base a média de 2013 = 100.
2. Série com ajuste sazonal.

A análise das atividades econômicas que, junto com os impostos, compõem o PIB do Estado mostra um crescimento bastante disseminado quando se compara o 3.º trim./2020 com o trimestre imediatamente anterior, na série com ajuste sazonal. Das 12 atividades, houve expansão em 10 delas, sendo as quedas na indústria extrativa mineral e em intermediação financeira e seguros as únicas exceções (**Tabela 3.2**). Por outro lado, quando a comparação é feita com o 3.º trim./2019, apenas duas atividades (intermediação financeira e seguros e atividades imobiliárias) apresentam crescimento, evidenciando que existe ainda um percurso a ser percorrido no caminho da recuperação completa. Os mesmos resultados são obtidos no acumulado do ano, com 10 das 12 atividades ainda apresentando queda.

No terceiro trimestre, na comparação com o trimestre imediatamente anterior, na série com ajuste sazonal, o Valor Adicionado Bruto da agropecuária apresentou uma alta taxa de crescimento (39,8%), refletindo a passagem dos efeitos mais intensos da

estiagem sobre a agricultura do Estado, que se concentraram no segundo trimestre do ano. Já em relação a igual trimestre de 2019, houve queda de 4,1%, resultado que ainda reflete as quedas observadas nas culturas de milho (-26,7%) e soja (-39,0%), somadas à queda na produção de laranja (-8,7%). Dentre as principais culturas do trimestre, apenas a de trigo apresentou crescimento, embora de baixa magnitude (0,6%). No acumulado do ano, a atividade apresenta queda de 31,1%, taxa determinada pela estiagem de verão.

Tabela 3.2 – Taxas de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) dos impostos e do Valor Adicionado Bruto (VAB), total e por atividades econômicas no Rio Grande do Sul — 3.º trim./2020

ATIVIDADES	3º TRIM/20 2º TRIM/20 (1)	3º TRIM/20 3º TRIM/19	ACUMU- LADO NO ANO
PIB	12,9	-4,1	-8,6
Impostos	17,1	-1,7	-7,9
Valor Adicionado Bruto	12,7	-4,5	-8,7
Agropecuária	39,8	-4,1	-31,1
Indústria	19,7	-1,2	-8,8
Indústria extrativa mineral	-0,2	-1,3	-0,5
Indústria de transformação	20,0	-0,8	-8,2
Eletricidade e gás, água, esgoto e limpeza urbana	44,1	11,2	-12,4
Construção	4,3	-9,2	-8,7
Serviços	4,2	-5,8	-5,3
Comércio	6,9	-4,8	-6,5
Transporte, armazenagem e correio	2,6	-3,8	-2,1
Serviços de informação	0,9	-0,6	-0,4
Intermediação financeira e seguros	-0,3	0,0	1,5
Atividades imobiliárias	0,5	1,4	1,3
Outros serviços	6,4	-13,7	-13,0
Administração pública, educação e saúde públicas	0,3	-4,5	-2,4

Fonte: SPGG-RS/DEE (RIO GRANDE DO SUL, 2020a).

(1) Com ajuste sazonal

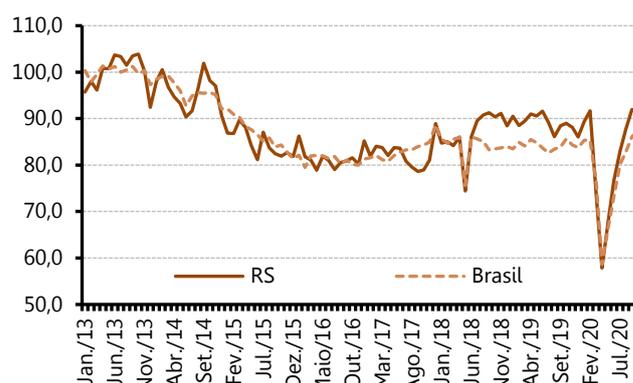
A passagem da estiagem também ajudou no bom desempenho da indústria, que cresceu 19,7% em relação ao segundo trimestre, na série livre dos efeitos sazonais. A recuperação dos níveis dos reservatórios das usinas hidrelétricas localizadas no Rio Grande do Sul fez com que a atividade de eletricidade e gás, água, esgoto e limpeza urbana crescesse 44,1%. Também apresentou forte crescimento a indústria de transformação (20,0%), seguida da construção (4,3%).

Apenas a indústria extrativa mineral teve queda no período (-0,2%).

Já na comparação com o mesmo trimestre de 2019, o VAB da indústria ainda apresentou queda de 1,2%. Das quatro atividades, houve crescimento somente em eletricidade e gás, água, esgoto e limpeza urbana (11,2%). Indústria extrativa mineral (-1,3%), indústria de transformação (-0,8%) e construção (-9,2%) apresentaram queda nessa base de comparação. Essa queda no VAB da indústria acentua-se no acumulado do ano, pois incorpora no cálculo todo o período de pandemia. Nessa base de comparação, a indústria teve retração de 8,8%, puxada, principalmente, pelas quedas na indústria de transformação (-8,2%) e em eletricidade e gás, água, esgoto e limpeza urbana (-12,4%).

Em termos mensais, a retomada do crescimento da produção física industrial, que teve início em maio, continuou nos meses seguintes até setembro. Sempre em relação ao mês anterior, sem efeitos sazonais, houve crescimento em maio (17,0%), junho (13,3%), julho (8,1%), agosto (5,7%) e setembro (4,9%). As taxas positivas, embora declinantes, deram lugar à estabilidade (0,0%) em outubro. A boa notícia é que o nível de produção de outubro já estava 0,3% acima do nível de fevereiro de 2020, mês anterior ao início dos efeitos da pandemia sobre a economia no Rio Grande do Sul e no Brasil (**Gráfico 3.2**).

Gráfico 3.2 - Índice da produção física da indústria de transformação do Rio Grande do Sul e do Brasil — jan./2013-out./2020



Fonte: Pesquisa Industrial Mensal-Produção Física (PIM-PF) (IBGE, 2020d).

Nota: 1. Os índices têm como base a média de 2013 = 100.

2. Série com ajuste sazonal.

Em outubro de 2020, a produção física industrial apresentou crescimento de 2,6% em relação a outubro de 2019 (**Tabela 3.3**). Das 14 atividades pesquisadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

(IBGE), 10 apresentaram taxas positivas, evidenciando uma importante disseminação de desempenhos positivos. As maiores taxas foram observadas em produtos do fumo (20,5%), produtos de metal (19,6%), metalurgia (17,3%) e celulose e produtos de papel (9,1%). Das quatro atividades que ainda estavam com nível de produção inferior a outubro do ano anterior, destacam-se as de produtos alimentícios (-10,0%) e couros e calçados (-6,5%).

Tabela 3.3 - Taxas de crescimento da produção física da indústria de transformação em relação ao mesmo período do ano anterior, por atividade econômica, no Rio Grande do Sul e no Brasil — jan.-out./2020

ATIVIDADES	RS				BRASIL			
	Jan.-		Out./20		Jan.-		Out./20	
	Out./20							
Indústria de transformação	-9,0	2,6	-6,8	1,0	-6,8	1,0	1,0	1,0
Produtos alimentícios	0,1	-10,0	5,2	1,0	5,2	1,0	1,0	1,0
Bebidas	1,8	7,2	-2,0	9,8	-2,0	9,8	9,8	9,8
Produtos do fumo	7,3	20,5	8,4	17,3	8,4	17,3	17,3	17,3
Couros e calçados	-27,6	-6,5	-24,8	-0,4	-24,8	-0,4	-0,4	-0,4
Celulose e produtos de papel	4,2	9,1	1,1	2,0	1,1	2,0	2,0	2,0
Derivados do petróleo e biocombustíveis	1,6	7,2	4,8	7,3	4,8	7,3	7,3	7,3
Produtos químicos	-8,5	-2,3	-2,3	-1,9	-2,3	-1,9	-1,9	-1,9
Produtos de borracha e plástico	-2,5	7,7	-5,4	8,3	-5,4	8,3	8,3	8,3
Produtos de minerais não metálicos	-13,9	-2,8	-5,3	9,8	-5,3	9,8	9,8	9,8
Metalurgia	-11,4	17,3	-11,2	3,4	-11,2	3,4	3,4	3,4
Produtos de metal	2,1	19,6	-3,8	8,2	-3,8	8,2	8,2	8,2
Máquinas e equipamentos	-7,2	4,2	-9,4	9,3	-9,4	9,3	9,3	9,3
Veículos automotores, reboques e carrocerias	-27,8	5,7	-34,3	-14,5	-34,3	-14,5	-14,5	-14,5
Móveis	-11,2	1,1	-6,5	6,7	-6,5	6,7	6,7	6,7

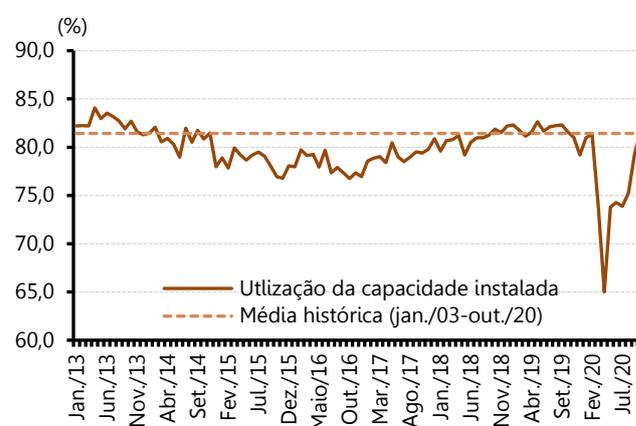
Fonte: Pesquisa Industrial Mensal-Produção Física (PIM-PF) (IBGE, 2020d).

Por outro lado, no acumulado do ano (de janeiro a outubro), quando se calcula o desempenho geral durante os meses de pandemia, a produção industrial ainda apresentava resultado negativo de 9,0% na comparação com o mesmo período de 2019. Nesse caso, das 14 atividades, houve queda em oito delas, destacando-se os desempenhos negativos de veículos automotores, reboques e carrocerias (-27,8%), couros e calçados (-27,6%), produtos de minerais não metálicos (-13,9%), metalurgia (-11,4%) e móveis (-11,2%). As duas primeiras são exemplos de atividades bastante prejudicadas pela pandemia, ao terem o consumo dos bens produzidos por esses setores postergado pelos consumidores. Por outro lado, seis atividades conseguiram passar por esse período de dificuldades

sem perdas líquidas em relação a 2019. Os maiores destaques foram as atividades de produtos do fumo (7,3%), celulose e produtos de papel (4,2%), produtos de metal (2,1%) e bebidas (1,8%).

O indicador da utilização da capacidade instalada da indústria gaúcha acompanhou muito de perto a evolução da produção física industrial. Após fortes retrações em março e abril, houve retomada consistente no indicador durante os meses seguintes (**Gráfico 3.3**). Em outubro, o valor de 81,7% já era maior que a média histórica (81,4%) e levemente superior à média de 2019 (81,6%). Entre as atividades, segundo a Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (FIERGS) (2020), metalurgia, máquinas, aparelhos e materiais elétricos e produtos de metal foram as que apresentaram os maiores crescimentos entre outubro de 2019 e outubro de 2020. Por outro lado, as atividades de veículos automotores e vestuário e acessórios foram as que tiveram as maiores quedas no período.

Gráfico 3.3 - Utilização da capacidade instalada da indústria de transformação do RS — jan./2013-out./2020



Fonte: Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (2020).

Nota: Série com ajuste sazonal.

O setor de serviços do Estado, embora não na mesma intensidade verificada na indústria, também retomou o crescimento no 3.º trim./2020, quando comparado com o trimestre imediatamente anterior, na série livre de efeitos sazonais. O VAB dos serviços apresentou expansão de 4,2%, com destaque para os desempenhos positivos do comércio (6,9%) e outros serviços (6,4%), não por acaso as atividades mais impactadas pela pandemia, e que, no 3.º trim./2020, apresentaram as maiores taxas. Também houve crescimento em transporte, armazenagem e correio (2,6%), serviços de informação (0,9%), atividades imo-

biliárias (0,5%) e administração, educação e saúde públicas (0,3%).

Quando a comparação é realizada com igual trimestre de 2019, o quadro muda de figura, mostrando que a retomada do terceiro trimestre não foi capaz de recuperar os níveis de produção do ano anterior. O setor de serviços, nessa base de comparação, apresenta queda de 5,8%, com as maiores quedas acontecendo no comércio (-4,8%) e em outros serviços (-13,7%). Como dito anteriormente, essas foram as atividades mais impactadas pela pandemia, e a recuperação completa ainda está distante de ser atingida. Houve queda, igualmente, na administração, educação e saúde públicas (-4,5%), transporte, armazenagem e correio (-3,8%), e serviços de informação (-0,6%). Atividades imobiliárias (1,4%) apresentaram crescimento, e intermediação financeira e seguros (0,0%), estabilidade.

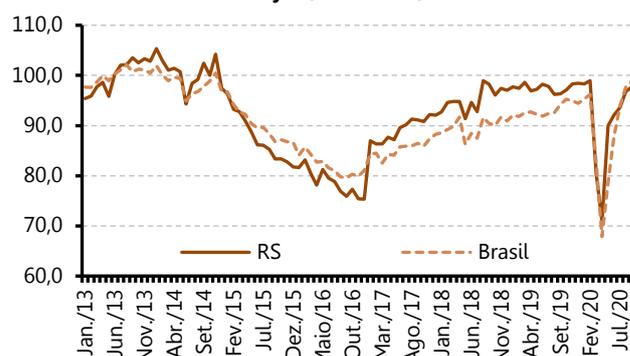
No acumulado do ano, o VAB dos serviços apresentou queda de 5,3%, taxa influenciada principalmente pelas retrações ocorridas em outros serviços (-13,0%) e no comércio (-6,5%). As únicas atividades a apresentarem crescimento, nessa base de comparação, foram intermediação financeira e seguros (1,5%) e atividades imobiliárias (1,3%).

Em termos mensais, a exemplo da produção física industrial, a retomada do volume de vendas do comércio varejista ampliado teve início em maio, mês em que apresentou uma forte expansão, de 26,7%, em relação ao mês anterior, livre de efeitos sazonais. As taxas positivas repetiram-se nos meses seguintes, mas em magnitudes bem menores. O crescimento de junho foi de 2,3%, o de julho, 1,6%, o de agosto, 3,4%, o de setembro, 0,9%, e o de outubro, 1,5%. Com essa retomada, o nível de vendas de outubro já se encontrava 0,3% acima do de fevereiro, indicando uma recuperação completa da atividade, embora em ritmo inferior ao observado no Brasil (**Gráfico 3.4**).

Em relação a outubro de 2019, o volume de vendas do comércio varejista apresentou crescimento de 2,2% em outubro de 2020. Das 11 atividades da **Tabela 3.4**, seis apresentaram taxas positivas, e cinco, negativas, demonstrando uma grande heterogeneidade de desempenhos entre os ramos comerciais. As taxas mais positivas foram observadas em móveis (19,8%) e em material de construção (18,0%), duas atividades que foram beneficiadas pelo aumento do consumo em decorrência da maior permanência das pessoas em casa e pelo estímulo de renda relacionado ao Au-

xílio Emergencial. Por outro lado, as atividades que se encontram mais distantes de uma recuperação completa estão equipamentos para escritório, informática e comunicação (-33,6%), livros, jornais, revistas e papelaria (-22,8%) e veículos, motocicletas, partes e peças (-18,2%).

Gráfico 3.4 - Índice do volume de vendas do comércio varejista ampliado do Rio Grande do Sul e do Brasil — jan./2013-out./2020



Fonte: Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) (IBGE, 2020e).
Nota: 1. Os índices têm como base a média de 2013 = 100.
2. Série com ajuste sazonal.

Tabela 3.4 - Taxa de crescimento do volume de vendas do comércio varejista ampliado em relação ao mesmo período do ano anterior, por atividade econômica, no Rio Grande do Sul e no Brasil — 2020

ATIVIDADES	(%)			
	RS		BRASIL	
	Jan.- Out./20	Out./20	Jan.- Out./20	Out./20
Comércio varejista ampliado	-5,4	2,2	-2,6	6,0
Combustíveis e lubrificantes	-6,5	-2,2	-10,4	-5,3
Hipermercados, supermercados, alimentos, bebidas e fumo	7,1	8,7	5,7	7,2
Tecidos, vestuário e calçados	-33,2	-7,1	-27,6	-2,7
Móveis	-1,8	19,8	11,1	30,7
Eletrrodomésticos	-5,0	8,9	10,7	18,9
Artigos farmacêuticos, de perfumaria e cosméticos	1,4	12,3	7,3	13,8
Livros, jornais, revistas e papelaria.....	-33,4	-22,8	-30,7	-33,2
Equipamentos para escritório, informática e comunicação	-13,1	-33,6	-17,4	-10,9
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	-5,4	12,3	0,7	18,4
Veículos, motocicletas, partes e peças	-23,5	-18,2	-16,7	-5,9
Material de construção	6,3	18,0	9,3	20,9

Fonte: Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) (IBGE, 2020e).

Já no acumulado do ano, de janeiro a outubro de 2020, o volume de vendas do comércio ainda apresentou queda de 5,4%, na comparação com o mesmo período do ano anterior. Nesse caso, o número de ramos comerciais com desempenho negativo sobe para oito. Os maiores destaques negativos foram livros, jornais, revistas e papelaria (-33,4%), tecidos, vestuário e calçados (-33,2%) e veículos, motocicletas, partes e peças (-23,5%), exatamente as atividades dentro do comércio que mais sofreram com a pandemia. Três atividades apresentaram crescimento: hipermercados, supermercados, alimentos, bebidas e fumo (7,1%), material de construção (6,3%) e artigos farmacêuticos, de perfumaria e cosméticos (1,4%). A primeira e a terceira foram atividades que sofreram pouco impacto em função da pandemia, dado seu caráter de vender bens de primeira necessidade. Quanto a material de construção, parece ter sido a atividade mais beneficiada, dentro do comércio, com o Auxílio Emergencial.

3.2 SETOR EXTERNO

Conforme discutido na primeira parte deste Boletim, o comércio internacional de bens apresentou recuperação após o mês de julho de 2020. Mesmo assim, no acumulado do ano, apresenta retração em relação a 2019. Dentro desse contexto, as exportações do Rio Grande do Sul atingiram o valor de US\$ 12.850,5 milhões de janeiro a novembro de 2020, uma retração de 25,3% em relação ao mesmo período do ano anterior (**Tabela 3.5**).

Tabela 3.5 - Valor das exportações acumulado no ano, total e por atividade econômica, do Rio Grande do Sul — jan.-nov. 2019-20

ATIVIDADES	VALOR (US\$ milhão)		VARIAÇÃO %	PARTICIPAÇÃO % EM 2020
	Jan.-Nov./19	Jan.-Nov./20		
Agropecuária	4.304,4	3.413,3	-20,7	26,6
Produtos alimentícios	2.740,3	3.106,1	13,3	24,2
Produtos do fumo	1.621,4	1.115,1	-31,2	8,7
Produtos químicos	1.472,2	961,9	-34,7	7,5
Celulose e papel	1.269,9	619,5	-51,2	4,8
Máquinas e equipamentos	712,1	615,3	-13,6	4,8
Veículos automotores, reboques e carrocerias	1.016,8	607,1	-40,3	4,7
Couros e calçados	820,0	605,6	-26,2	4,7
Produtos de metal	437,0	451,5	3,3	3,5
Produtos de borracha e plástico	274,3	241,8	-11,9	1,9
Outros	2.543,7	1.113,3	-56,2	8,7
TOTAL	17.212,0	12.850,5	-25,3	100,0

Fonte: Comex Stat (BRASIL, 2020a).

Dentre as principais atividades exportadoras, as maiores quedas ocorreram em celulose e papel

(-51,2%), veículos automotores, reboques e carrocerias (-40,3%), produtos químicos (-34,7%) e produtos do fumo (-31,2%). A agropecuária, atividade que lidera as vendas externas no Estado, teve redução de 20,7% no valor dos embarques, desempenho associado à queda das exportações de soja (-23,4%), principalmente para a China, importador de 95,8% da oleaginosa vendida pelo Rio Grande do Sul no mercado externo.

Dois atividades destacaram-se pelo crescimento de suas exportações em 2020, produtos alimentícios (13,3%) e produtos de metal (3,3%). No primeiro caso, pesaram as maiores vendas de carnes, e, no segundo, o aumento dos valores embarcados de armas e munições e estruturas metálicas.

Quanto ao destino das exportações gaúchas, houve queda nas vendas para todos os 10 principais países compradores entre janeiro e novembro de 2020, em relação a igual período do ano anterior (**Tabela 3.6**). As maiores quedas aconteceram nos embarques para Chile (-41,0%), Peru (-24,5%), Bélgica (-23,9%) e China (-22,0%). As exportações para o país asiático, principal mercado do Estado, caíram, principalmente, em função da diminuição dos embarques de soja, seguidos pelos de celulose e produtos do fumo. A queda das exportações para os Estados Unidos, segundo maior mercado, foi ocasionada pela retração das vendas de autopeças, produtos do fumo, celulose e calçados. Por outro lado, aumentaram os embarques de armas e munições para aquele país. Para a Argentina, principal mercado na América do Sul e terceiro no geral, diminuíram principalmente as vendas de veículos, produtos de borracha e plástico e calçados.

Tabela 3.6 - Valor das exportações acumulado no ano, total e por destino, do Rio Grande do Sul — jan.-nov. 2019-20

PAÍSES	VALOR (US\$ milhão)		VARIAÇÃO %	PARTICIPAÇÃO % EM 2020
	Jan.-Nov./19	Jan.-Nov./20		
China	5.227,9	4.076,1	-22,0	31,7
Estados Unidos	1.361,1	1.111,1	-18,4	8,6
Argentina	878,4	749,1	-14,7	5,8
Bélgica	529,4	402,9	-23,9	3,1
Uruguai	370,2	330,1	-10,8	2,6
Arábia Saudita.....	314,9	294,5	-6,5	2,3
Chile	481,6	284,1	-41,0	2,2
Coreia do Sul.....	331,2	277,1	-16,3	2,2
Paraguai	341,3	275,5	-19,3	2,1
Peru.....	296,8	224,2	-24,5	1,7
Outros	7.079,3	4.826,0	-31,8	37,6
TOTAL	17.212,0	12.850,5	-25,3	100,0

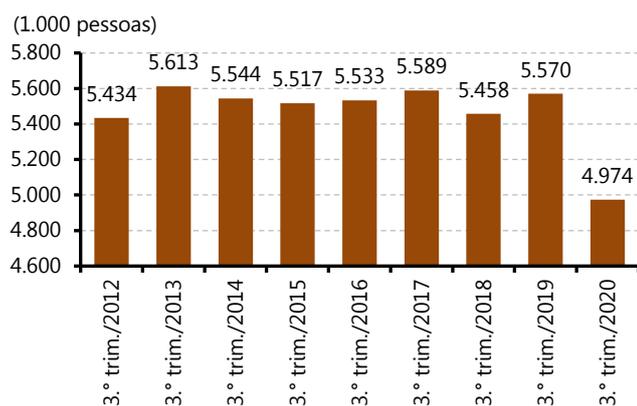
Fonte: Comex Stat (BRASIL, 2020a).

3.3. MERCADO DE TRABALHO

Em meio à retomada do crescimento verificada no PIB do Estado no terceiro trimestre do ano, o mercado de trabalho do RS apresentou resultados mistos. Por um lado, os indicadores de ocupação e taxa de desocupação geral continuaram piorando, e, por outro, os dados de geração de emprego formal melhoraram no mesmo período.

Os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) informam que o número de ocupados no Rio Grande do Sul atingiu um novo recorde negativo no 3.º trim./2020, quando foram estimadas 4.974 mil pessoas ocupadas, um decréscimo relativo de 10,7% e absoluto de 596 mil pessoas na comparação com igual trimestre de 2019. Em relação ao segundo trimestre, também houve queda, de 3,2% e de 167 mil pessoas (**Gráfico 3.5**).

Gráfico 3.5 - Número de ocupados no Rio Grande do Sul — 3.º trim. 2012-20



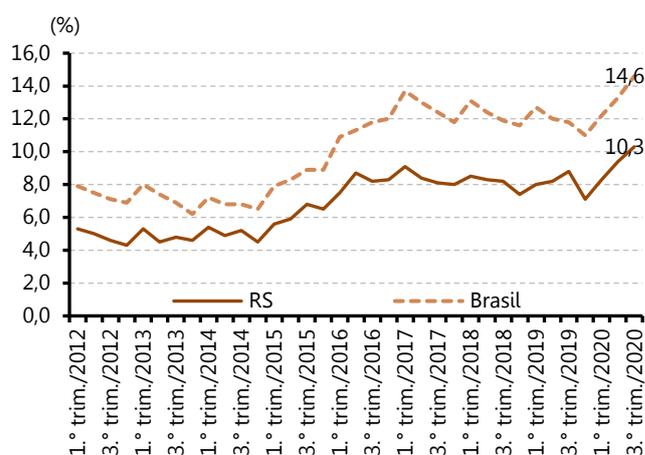
Fonte: PNAD Contínua (IBGE, 2020g).

A taxa de desocupação também renovou seu recorde negativo. No 3.º trim./2020, a taxa alcançou 10,3% da força de trabalho, uma elevação de 1,5 ponto percentual em relação a igual trimestre de 2019 (**Gráfico 3.6**). A taxa de desocupação só não foi maior por que o número de pessoas na força de trabalho caiu de 6.109 mil no 3.º trim./2019 para 5.548 no 3.º trim./2020, uma diminuição absoluta de 561 mil pessoas, movimento ocasionado pelas restrições de circulação relacionadas à pandemia e pela falta de perspectivas de encontrar um emprego.

Por tipo, apenas os empregos por conta própria com registro no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas (CNPJ) apresentaram aumento no 3.º trim./2020 (80 mil pessoas), em relação a igual trimestre do ano anterior. Por outro lado, houve queda dos empregos

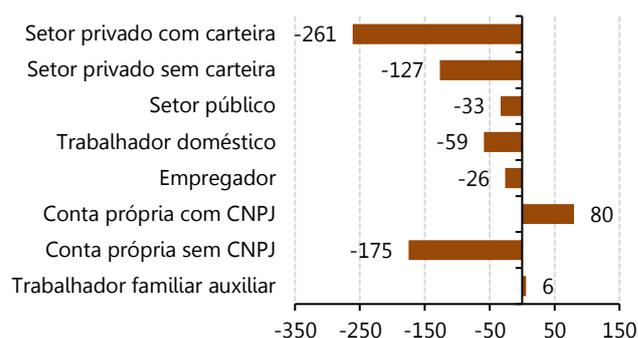
no setor privado com carteira (-261 mil pessoas), no setor privado sem carteira (-127 mil pessoas), para os trabalhadores domésticos (-59 mil pessoas) e para os empregos por conta própria sem CNPJ (-175 mil pessoas). As variações nos números de ocupados no setor público (-33 mil pessoas), como empregador (-26 mil pessoas) e trabalhador familiar auxiliar (mais 6 mil pessoas) foram consideradas sem significância estatística (**Gráfico 3.7**).

Gráfico 3.6 - Taxa de desocupação no Rio Grande do Sul e no Brasil — 1.º trim./2012-3.º trim./2020



Fonte: PNAD Contínua (IBGE, 2020g).

Gráfico 3.7 - Variação absoluta do número de ocupados (em 1.000 pessoas), por tipo de emprego, no Rio Grande do Sul — 3.º trim./2020/3.º trim./2019

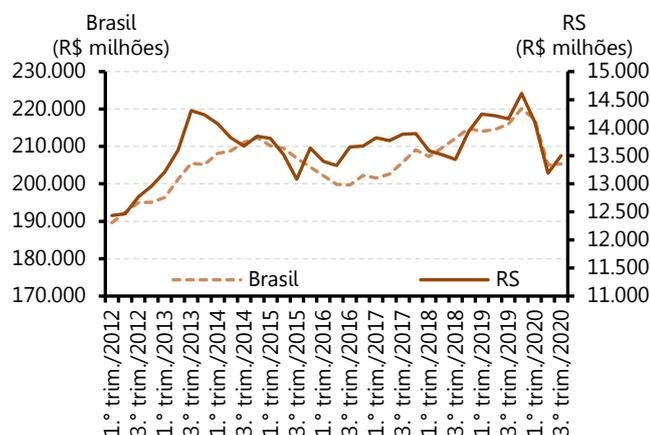


Fonte: PNAD Contínua (IBGE, 2020g).

O rendimento médio real cresceu de R\$ 2.619 no 3.º trim./2019 para R\$ 2.807 no mesmo período de 2020, um crescimento de 7,2% no período. Também houve acréscimo (5,8%) em relação ao trimestre imediatamente anterior. Mas como o número de ocupados se manteve em queda, a massa de rendimentos real também caiu, embora o IBGE indique que tal variação não tem significância estatística. Em relação ao

trimestre imediatamente anterior, a massa de rendimentos também apresentou estabilidade.

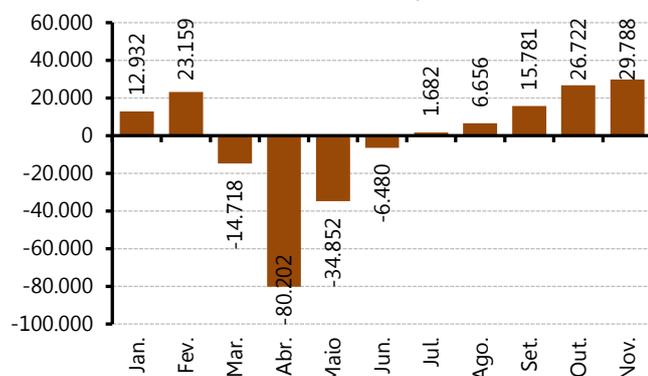
Gráfico 3.8 - Massa de rendimento real habitual de todos os trabalhos das pessoas ocupadas no Rio Grande do Sul e no Brasil — 1.º trim./2012-3.º trim./2020



Fonte: PNAD Contínua (IBGE, 2020g).

Ao longo do ano de 2020, a evolução do emprego formal no Rio Grande do Sul obedeceu, com certa defasagem, à trajetória da economia, com queda nos primeiros meses da pandemia e retomada nos meses seguintes. Conforme pode ser observado no **Gráfico 3.9**, que apresenta dados do novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Novo Caged), as quedas ocorreram nos meses de março, abril, maio e junho, totalizando uma perda líquida de 136.252 empregos nos quatro meses. A partir de julho, houve criação crescente de novos empregos, atingindo, entre julho e novembro, a soma de 80.629 novas vagas. Esses números significam que as perdas de empregos em função da pandemia ainda não foram totalmente recuperadas, embora os dados dos últimos meses sejam positivos.

Gráfico 3.9 - Saldo entre admitidos e desligados no emprego formal do Rio Grande do Sul — jan.-nov./2020



Fonte: Novo Caged (BRASIL, 2020b).

No acumulado do ano, entre janeiro e novembro, a economia do Estado perdeu 19.532 empregos, uma variação de -0,8% em relação ao estoque de empregos de janeiro de 2020 (**Tabela 3.7**). Setorialmente, os resultados foram heterogêneos. Houve criação líquida de empregos nas atividades da agropecuária (1.681), da indústria de transformação (8.701) e da construção (2.629). Estas duas últimas atividades apresentaram forte retomada do emprego nos últimos meses, em linha com a retomada da produção. Por outro lado, ainda apresentaram perdas líquidas as atividades de serviços (-22.949), comércio (-9.572) e outras indústrias (-22). Essas atividades também apresentaram retomada do emprego nos últimos meses, mas os ganhos não foram capazes de compensar as perdas ocorridas nos meses mais afetados pela pandemia.

Tabela 3.7 - Saldo do emprego formal entre admitidos e desligados, estoque e variação, total e por atividade econômica, no Rio Grande do Sul — jan.-nov./2020

ATIVIDADES	SALDO	ESTOQUE EM JAN/20	VARIÇÃO %
Total	-19.532	2.525.813	-0,8
Agropecuária	1.681	87.097	2,0
Indústria de transformação	8.701	623.984	1,4
Construção	2.629	117.107	2,3
Outras indústrias	-22	31.062	-0,1
Comércio	-9.572	613.819	-1,6
Serviços	-22.949	1.052.744	-2,2

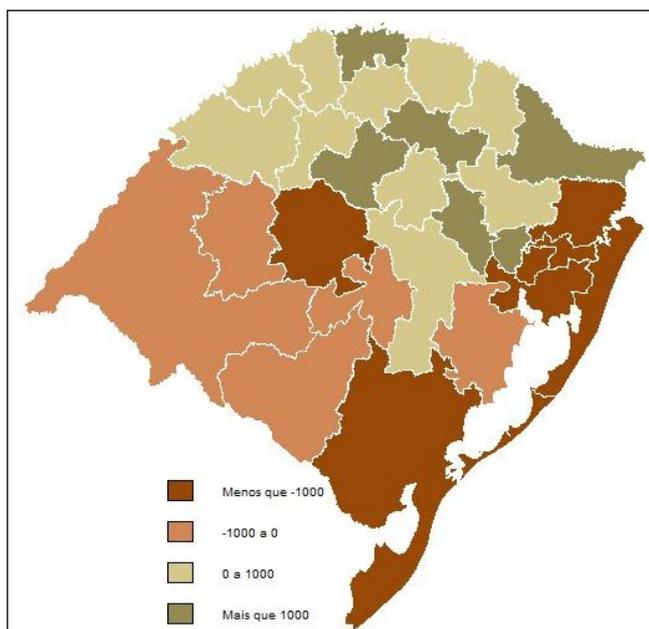
Fonte: Novo Caged (BRASIL, 2020b).

Regionalmente, houve ganhos líquidos de empregos em 16 Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes) do Estado, enquanto em 12 ocorreram perdas líquidas entre janeiro e novembro de 2020 (**Figura 3.1**). Os municípios do Corede Campos de Cima da Serra apresentaram o maior saldo positivo (2.645), movimento relacionado com o cultivo da maçã, principalmente em Vacaria e Bom Jesus. Na sequência, vem o Corede Produção, com criação de 1.546 empregos no período, resultado dos aumentos de produção na indústria de alimentos, notadamente em Marau. Também apresentaram saldos positivos acima de 1.000 empregos os Coredes Vale do Caí, Vale do Taquari, Médio Alto Uruguai e Alto Jacuí.

O Corede que apresentou a maior perda líquida de empregos foi o Metropolitano Delta do Jacuí (-21.068), resultado, principalmente, dos maus desempenhos das atividades de alojamento e alimentação e fabricação de automóveis. Em segundo lugar, o Vale do Rio dos Sinos (-3.486), com perdas de empregos concentradas na indústria de calçados. Na sequência, o Corede Litoral (-2.465), região com dimi-

nuição de vagas principalmente na atividade de alojamento e alimentação. Em quarto e quinto lugares, Paranhana-Encosta da Serra (-1.625) e Hortênsias (-1.432), com quedas de empregos concentradas na indústria de calçados e alojamento e alimentação respectivamente. Também apresentaram perdas líquidas acima de 1.000 empregos os Coredes Central (-1.322) e Sul (-1.036).

Figura 3.1 - Saldo entre admitidos e desligados no emprego formal nos Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes) do Rio Grande do Sul — jan.-nov./2020



Fonte: Novo Caged (BRASIL, 2020b).

Entre os 497 municípios do Estado, 283 apresentaram saldo positivo na criação de empregos, 207 tiveram saldo negativo, e, em sete, o saldo foi zero. Os municípios que apresentaram os maiores saldos positivos foram Vacaria (principalmente no cultivo de maçã), São Leopoldo (construção e fabricação de máquinas e equipamentos e armas e munições), Marau (indústria de alimentos), Carlos Barbosa (artigos de cutelaria) e Venâncio Aires (produtos do fumo) (**Tabela 3.8**).

Os maiores saldos negativos ocorreram nos Municípios de Porto Alegre (maiores perdas de emprego nas atividades de alojamento e alimentação e comércio), Caxias do Sul (principalmente alojamento e alimentação, transporte e indústria de veículos automotores, reboques e carrocerias), Novo Hamburgo (notadamente na indústria de calçados), Gravataí (fabricação de automóveis) e Santa Maria (alojamento e alimentação e comércio).

Tabela 3.8 - Maiores saldos entre admitidos e desligados, estoque do emprego formal e variação, por municípios, no Rio Grande do Sul – jan.-nov./2020

MUNICÍPIOS	SALDO	ESTOQUE EM JAN/20	VARIAÇÃO %
Maiores saldos positivos			
Vacaria	1.871	16.433	11,4
São Leopoldo	1.417	53.159	2,7
Marau	1.033	13.479	7,7
Carlos Barbosa	974	11.414	8,5
Venâncio Aires	904	14.623	6,2
Maiores saldos Negativos			
Porto Alegre	-17.128	545.766	-3,1
Caxias do Sul	-3.315	150.662	-2,2
Novo Hamburgo ..	-2.479	68.343	-3,6
Gravataí.....	-1.819	49.901	-3,6
Santa Maria.....	-1.442	59.545	-2,4

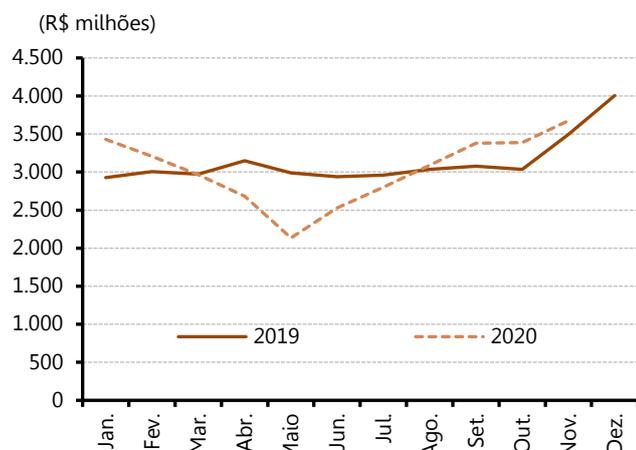
Fonte: Novo Caged (BRASIL, 2020b).

3.4 ARRECAÇÃO DE ICMS

A arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) no Rio Grande do Sul apresentou evolução próxima à da produção industrial e das vendas do comércio, atividades que concentraram, entre janeiro e novembro de 2020, 76,6% do total arrecadado com o imposto (**Gráfico 3.10**). Após passar por fortes quedas nos meses de abril a julho, na comparação com os mesmos meses de 2019, o ICMS apresentou crescimento real em agosto (1,7%), setembro (9,8%), outubro (11,6%) e novembro (5,1%), recompondo parte das perdas ocorridas nos meses anteriores.

No acumulado de janeiro a novembro de 2020, o valor arrecadado com o imposto chegou a R\$ 33.277,7 milhões, um decréscimo real de 0,9% em relação ao montante de 2019 (**Tabela 3.9**). Setorialmente, as maiores perdas ocorreram na atividade de informação e comunicação (-9,3%) e na indústria de transformação (-3,6%). Dentro do setor industrial, que apresentou perdas absolutas de R\$ 589,4 milhões, as maiores quedas de arrecadação aconteceram nas atividades de derivados de petróleo, de produtos químicos, de calçados e de veículos automotores. Por outro lado, houve importante aumento da arrecadação na atividade de produtos alimentícios. Ao contrário da indústria de transformação, o ICMS do comércio apresentou crescimento entre janeiro e novembro de 2020. Em relação aos mesmos meses de 2019, o valor arrecadado pelo Governo do Estado cresceu R\$ 391,8 milhões em termos absolutos, um aumento real de 4,2%.

Gráfico 3.10 - Arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias (ICMS) no Rio Grande do Sul — 2019-20



Fonte: Sefaz-RS/Dados Abertos (RIO GRANDE DO SUL, 2020).
Nota: Valores corrigidos pelo IPCA.

Tabela 3.9 - Arrecadação e variação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias (ICMS) no Rio Grande do Sul — jan.-nov. 2019-20

ATIVIDADES	VALOR (R\$ milhões)		VARIAÇÃO %
	Jan.-Nov./2019	Jan.-Nov./2020	
Agropecuária	172,9	268,1	55,1
Indústria de transformação	16.427,2	15.837,5	-3,6
Outras indústrias	3.696,5	3.618,1	-2,1
Comércio	9.258,1	9.649,9	4,2
Informação e comunicação	2.095,8	1.901,3	-9,3
Outros serviços	738,3	789,7	7,0
Não classificadas	1.192,3	1.212,7	1,7
TOTAL	33.581,1	33.277,7	-0,9

Fonte: Sefaz-RS/Receita Dados (RIO GRANDE DO SUL, 2020).
Nota: Valores corrigidos pelo IPCA.

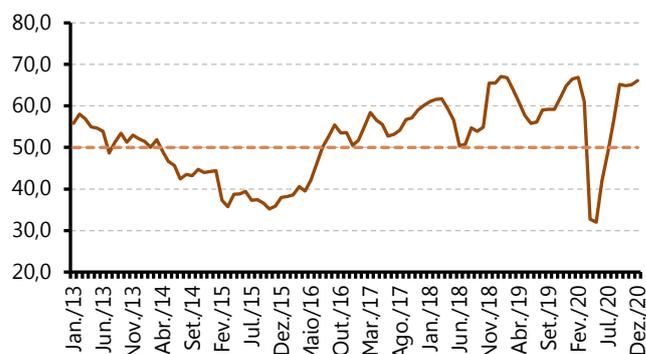
3.5 PERSPECTIVAS

Os dados do PIB do Rio Grande do Sul do terceiro trimestre e algumas informações relativas à produção industrial, às vendas do comércio, à arrecadação de ICMS e ao emprego formal dos primeiros meses do último trimestre de 2020 mostram um quadro claro de retomada da economia gaúcha, embora, na comparação com os níveis pré-pandemia, a recuperação ainda não esteja completa. Até o final do ano, espera-se a continuidade do avanço, mas em ritmo menos acelerado, conforme comprovam as taxas de crescimento positivas, mas declinantes, da produção industrial e do comércio.

Os dados do Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI-RS) do Rio Grande do Sul mostram que, após o considerável avanço do indicador entre

maio (32,0) e setembro (65,2), nos meses seguintes não houve mais avanços significativos (**Gráfico 3.11**), tendo em vista que, em dezembro (66,1), já está muito perto de igualar o nível registrado em fevereiro (66,9), mês anterior ao início dos efeitos da pandemia sobre a economia gaúcha. Ao mesmo tempo, o índice de dezembro também está em linha com os maiores observados desde janeiro de 2013, evidenciando a recuperação do otimismo dos empresários industriais gaúchos após a queda expressiva ocorrida nos meses de abril e maio de 2020. A elevação do índice deu-se, segundo a avaliação dos empresários, mais pela melhora nas condições atuais da economia do que da melhora em relação às expectativas para os próximos seis meses, embora as duas tenham crescido e estejam no campo do otimismo.

Gráfico 3.11 - Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI-RS) no Rio Grande do Sul — jan./2013-dez./2020

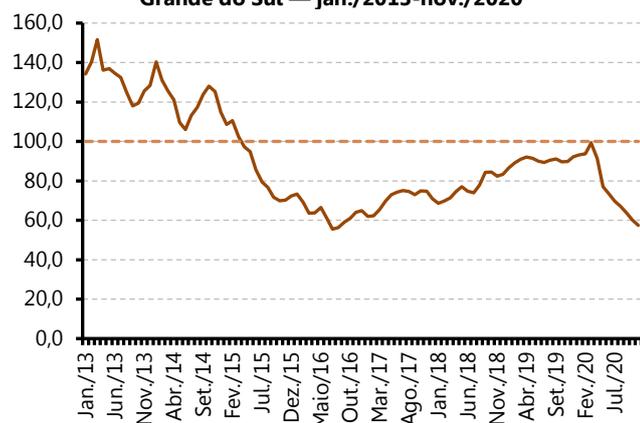


Fonte: Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (2020a).

Nota: O índice varia entre 0 e 100 pontos; valores acima de 50 pontos indicam otimismo.

Pelo lado do comércio, os dados sobre a Intenção de Consumo das Famílias Gaúchas (ICF-RS) ainda sinalizam pessimismo e cautela por parte das famílias. Em novembro de 2020, o indicador apresentou a oitava queda ininterrupta, iniciada em março. O índice atingiu, neste último mês, o valor de 57,4, um recuo de 38,7% em relação ao valor registrado em fevereiro (**Gráfico 3.12**). Os dados indicam que o consumidor, de maneira geral, permanece bastante cauteloso em relação ao consumo, refletindo suas preocupações com a situação do mercado de trabalho presente e com as incertezas futuras.

Gráfico 3.12 - Intenção de consumo das famílias (ICF-RS) no Rio Grande do Sul — jan./2013-nov./2020



Fonte: Federação do Comércio de Bens e de Serviços do Estado do Rio Grande do Sul (2020).

Nota: O índice varia entre 0 e 200 pontos; valores acima de 100 pontos indicam otimismo.

De maneira geral, uma recuperação mais expressiva da economia ainda encontra um quadro de bastante incerteza, baseada em um mercado de trabalho ainda distante de recuperar os níveis pré-pandemia, tanto pelo lado da ocupação quanto pelo da renda, nos efeitos do fim do Auxílio Emergencial sobre a renda e o consumo e na incerteza quanto à própria evolução da pandemia.

No caso do Rio Grande do Sul, há ainda o risco climático e o seu potencial impacto no desenvolvimento e no rendimento físico das principais culturas agrícolas de verão no Estado. As previsões apontam a continuidade de anomalias negativas de precipitação no mês de janeiro. Esse cenário soma-se ao histórico recente de precipitação acumulada inferior à média histórica nos últimos 90 dias, o que afetou as condições de plantio e tende a motivar a revisão para baixo das projeções de produção agrícola no RS. Especialmente para a soja, principal cultura agrícola do Estado, as condições climáticas de janeiro e fevereiro — fases de enchimento e maturação dos grãos — serão decisivas para a determinação dos níveis de produtividade. Esse promete ser o elemento definidor do grau de recuperação da agropecuária gaúcha em relação a 2020, quando a produção foi criticamente afetada pela estiagem.

PRINCIPAIS INDICADORES MENS AIS

Tabela A.1 - Principais indicadores econômicos do Rio Grande do Sul e do Brasil — jun.-nov./2020

	(%)					
DISCRIMINAÇÃO	JUN/20	JUL/20	AGO/20	SET/20	OUT/20	NOV/20
Índice de atividade econômica						
Rio Grande do Sul						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	2,09	1,56	1,61	0,17	1,60	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	-5,62	-3,79	-3,17	-0,23	-0,72	-
Acumulado em 12 meses	-5,02	-5,37	-5,46	-5,42	-5,48	-
Brasil						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	5,23	2,42	1,62	1,68	0,86	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	-6,50	-4,73	-4,25	-1,04	-2,61	-
Acumulado em 12 meses	-2,49	-3,00	-3,28	-3,53	-3,93	-
Produção industrial						
Rio Grande do Sul						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	13,32	8,12	5,72	4,88	0,00	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	-11,46	-5,88	-1,46	6,57	2,56	-
Acumulado em 12 meses	-8,78	-9,46	-9,12	-8,54	-8,18	-
Brasil						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	9,59	8,62	3,37	2,79	1,13	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	-8,74	-2,57	-2,49	3,70	0,31	-
Acumulado em 12 meses	-5,63	-5,65	-5,70	-5,47	-5,55	-
Comércio						
Rio Grande do Sul						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	2,34	1,64	3,43	0,93	1,54	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	-3,25	-5,08	-1,89	4,23	2,23	-
Acumulado em 12 meses	-3,74	-4,71	-4,62	-4,17	-3,97	-
Brasil						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	11,51	7,18	3,98	1,21	2,09	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	-2,24	1,68	3,75	7,39	5,99	-
Acumulado em 12 meses	-1,45	-1,91	-1,71	-1,44	-1,37	-
Serviços						
Rio Grande do Sul						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	6,11	3,60	0,28	4,02	0,27	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	-17,13	-14,42	-15,05	-10,60	-11,72	-
Acumulado em 12 meses	-8,15	-9,10	-10,04	-10,71	-11,65	-
Brasil						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	5,48	2,73	2,91	2,09	1,68	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	-12,27	-11,91	-10,02	-6,95	-7,36	-
Acumulado em 12 meses	-3,37	-4,53	-5,27	-5,98	-6,84	-
Preços						
IPCA-Porto Alegre						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	-0,01	0,37	0,33	0,68	0,63	0,80
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	1,58	1,41	1,79	2,52	3,17	3,51
IPCA						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	0,26	0,36	0,24	0,64	0,86	0,89
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	2,13	2,31	2,44	3,14	3,92	4,31
IGP-DI						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	1,60	2,34	3,87	3,30	3,68	2,64
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	7,82	10,35	15,21	18,42	22,10	24,27

Fonte dos dados brutos: Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IBGE, 2020b).
 Pesquisa Industrial Mensal (IBGE, 2020c).
 Pesquisa Mensal do Comércio (IBGE, 2020e).
 Pesquisa Mensal dos Serviços (IBGE, 2020f).
 Banco Central do Brasil (2020).

REFERÊNCIAS

AHIR, H.; BLOOM, N.; FURCERI, D. **The world uncertainty index**. Palo Alto: Stanford mimeo, 2018.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Atas do Comitê de Política Monetária – Copom**: 235ª Reunião - 8-9 dezembro, 2020. Brasília, DF: BCB, 2020a. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/publicacoes/atascopom>. Acesso em: 26 dez. 2020.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Sistema Gerenciador de Séries Temporais**. Brasília, DF: BCB, 2020. Disponível em: <https://www3.bcb.gov.br/sgspub/localizarseries/localizarSeries.do?method=prepararTelaLocalizarSeries>. Acesso em: 19 out. 2020.

BRASIL. Ministério da Economia. Secretaria do Tesouro Nacional. **Resultado do Tesouro Nacional**. Brasília, DF: Tesouro Nacional, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/tesouronacional/pt-br/estatisticas-fiscais-e-planejamento/resultado-do-tesouro-nacional-rtn>. Acesso em: 19 out. 2020

BRASIL. Ministério da Economia. Secretaria Especial de Comércio Exterior e Assuntos Internacionais. **COMEX STAT**. Brasília, DF: Ministério da Economia, 2020a. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/home>. Acesso em: 22 dez. 2020.

BRASIL. Ministério da Economia. Secretaria Especial de Previdência e Trabalho. **Painel de informações do Novo CAGED**: novembro 2020. Brasília, DF: Secretaria Especial de Previdência e Trabalho, 2020b. Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrljoiNWl5NWl0ODlEYmZiYy00Mjg3LTkzNWUyYyYjIwMDE1YWI2IiwidCI6IjNlYzkyOTY5LTVhNTEtNGYxOC04YWM5LWVmOThmYmFmYTtk3OCJ9>. Acesso em: 23 dez. 2020.

BUREAU OF ECONOMIC ANALYSIS. **Gross Domestic Product**. Maryland: BEA, 2020.

CHINA. State Statistical Bureau. **Quarterly data**. Pequim: NBS, 2020.

EUROSTAT. **Quarterly National Accounts**. Luxembourg: EU, 2020.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **Indicadores industriais**. Porto Alegre: FIERGS, 2020. Disponível em: <https://www.fiergs.org.br/numeros-da-industria/indicadores-industriais>. Acesso em: 22 dez. 2020.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **Índice de confiança do empresário industrial**. Porto Alegre: FIERGS, 2020a. Disponível em: <https://www.fiergs.org.br/numeros-da-industria/indice-de-confianca-do-empresario-industrial>. Acesso em: 22 dez. 2020.

FEDERAÇÃO DO COMÉRCIO DE BENS E DE SERVIÇOS DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **Intenção de consumo das famílias gaúchas**. Porto Alegre: Fecomércio-RS, 2020. Disponível em: <http://fecomerccio-rs.org.br/pesquisas/>. Acesso em: 22 dez. 2020.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Comitê de Datação dos Ciclos Econômicos**. Rio de Janeiro: FGV, 2020. Disponível em: <https://portalibre.fgv.br/codace>. Acesso em: 19 out. 2020.

IBGE. **Sistema de Contas Nacionais Trimestrais – SCNT — 3.º trimestre de 2020**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/cnt/tabelas>. Acesso em: 22 dez. 2020.

IBGE. **Sistema de Contas Nacionais Trimestrais — SCNT**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020a. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/contas-nacionais/9300-contas-nacionais-trimestrais.html?=&t=resultados>. Acesso em: dez. 2020.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática: Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo – IPCA**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020b. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/7060>. Acesso em: 19 out. 2020.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática: Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020c. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/3653>. Acesso em: 19 out. 2020.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática:** Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física Regional. Rio de Janeiro: IBGE, 2020d. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pim-pf-regional/tabelas>. Acesso em: 22 dez. 2020.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática:** Pesquisa Mensal de Comércio. Rio de Janeiro: IBGE, 2020e. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pmc/tabelas>. Acesso em: 22 dez. 2020.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática:** Pesquisa Mensal de Serviços. Rio de Janeiro: IBGE, 2020f. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6442>. Acesso em: 19 out. 2020.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática:** Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua - Divulgação Trimestral — 3.º trimestre de 2020. Rio de Janeiro: IBGE, 2020g. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/home/pnadct/brasil>. Acesso em: 22 dez. 2020.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática:** Sistema de Contas Nacionais Trimestrais – Referência 2010 – 2º trimestre 2020. Rio de Janeiro: IBGE, 2020h. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/home/cnt/brasil>. Acesso em: 19 out. 2020.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Ipeadata.** Rio de Janeiro: IPEA, 2020. Disponível em: <http://www.ipeadata.gov.br/Default.aspx>. Acesso em: 19 out. 2020.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA Y CENSOS (Argentina). **Agregados macroeconómicos.** Buenos Aires: INDEC, 2020. Disponível em: <https://www.indec.gob.ar/indec/web/Nivel4-Tema-3-9-47>. Acesso em: dez. 2020.

INTERNATIONAL MONETARY FUND. **World economic outlook:** a long and difficult ascent. Washington, DC: IMF, 2020.

NETHERLANDS. Central Planning Bureau. **CPB world trade monitor.** Haia: CPB, Dec. 2020.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Fazenda. **Receita dados.** Porto Alegre: SEFAZ, 2020. Disponível em: <http://receitadados.fazenda.rs.gov.br/paineis/arrecadacao/>. Acesso em: 22 dez. 2020.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria do Planejamento, Governança e Gestão. Departamento de Economia e Estatística. **PIB RS trimestral.** Porto Alegre: SPGG/DEE, 2020a. Disponível em: <https://dee.rs.gov.br/pib-trimestral>. Acesso em: 22 dez. 2020.

WORLD BANK. **World Bank commodity price data.** Washington, DC: World Bank, dec. 2020.



NOVAS FAÇANHAS

NO PLANEJAMENTO,
GOVERNANÇA E GESTÃO

dee.rs.gov.br